

ILUSTRAÇÃO

:: Ano VI ::
Número 131

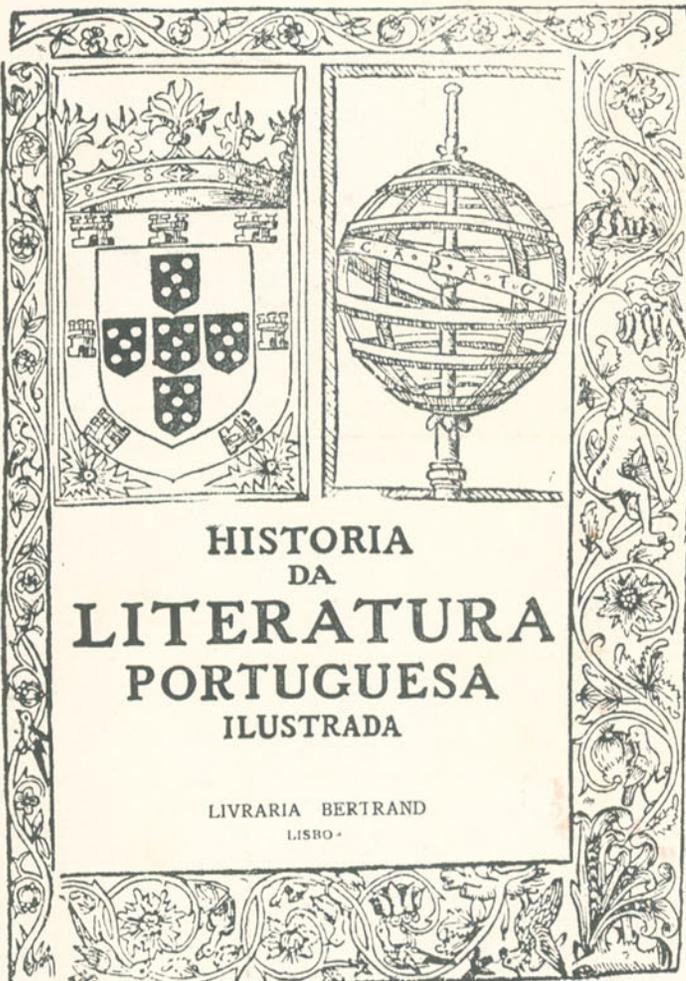


GWEN LEE, estrela da "Metro"



LISBOA, 31 DE MAIO DE 1931

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXVIII tomo

**A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . . . 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CÓLPIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGENIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALBERTO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORJÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

O que é Indanthren?

Todos sabem que há tecidos, cujas côres são mais ou menos duradoiras; alguns desbotam bem depressa sob a acção da luz do sol, outros largam a tinta já na primeira lavagem. Teremos, portanto de duvidar da duração dessas côres.

V. Exa. pode evitar essas dúvidas pedindo, ao comprar tecidos ou fios de algodão, sêda artificial ou linho, fazenda de tinto Indanthren, pois, com o nome de Indanthren foi criado um sortido de côrantes, com os quais se obteem tintos da máxima resistência possível aos raios solares, à lavagem e às intempéries.

Exija, portanto, artigos de tinto ou de estampa Indanthren e convença-se de que os que V. Exa. tiver escolhido tenham a marca registada, abaixo reproduzida.

Tecidos e fios tintos ou estampados com Indanthren são duma

solidez insuperada à lavagem,
à luz, às intempéries.

Só nos artigos tintos ou estampados com côrantes Indanthren é que pode ser aplicada a etiqueta Indanthren.



Bolachas

Nacional

a grande
m a r c a
portuguesa

*Variadas e Saborosissimas Qualidades
Um Unico Fabrico: O Melhor*

APERTE O DISPARADOR! esse instantâneo enviado ao Concurso póde ganhar MILHARES DE ESCUDOS



De 1 de Maio
a 31 de Agosto

● Empregue sempre a Peli-
cula «Kodak» que é vendida
na caixa amarela com a ins-
crição «Kodak-Film».



As suas probabilidades de triunfar
são muitas

AINDA que nunca tenha tocado numa máquina fotográfica não importa! Pode ganhar o Grande Prémio Internacional Kodak, pois apenas o interesse do assunto influirá na decisão do Júri. Tantas probabilidades terá empregando um simples «Kodak» ou «Brownie», como utilizando material complicado e caro.

Faça instantâneos em sua própria casa, em viagem, de um jogo desportivo, de qualquer pessoa, etc. e envie-os ao Concurso. Qualquer deles pode ganhar vários prémios que representam uma fortuna; o Grande prémio Nacional é de Esc. 10.000,00 e o Internacional de 10.000 dolares. 74 prémios num total de 375.000 Escudos serão divididos pelas fotografias premiadas.

Personalidades que constituem o Júri

O Júri encarregado da adjudicação dos premios em Portugal e Colónias é constituído por:

D. Amelia Rey Colaço
Distinta Atriz Portuguesa

Dr. José de Figueiredo
Director do Museu de Arte Antiga

Sr. Sousa Lopes
Director do Museu de Arte Contem-
porânea

etc.



Dr. Sousa Costa

Distinto escritor
que também faz parte do Júri

PRÉMIOS INTERNACIONAIS:

Grande Prémio Internacional

De Dolares 10.000 e Trofeu «Kodak»

Seis primeiros prémios Internacionais

de 1.000 Dolares cada e Medalha d'Oiro, ás foto-
grafias que obtiverem o 1.º premio de cada
categoria.

PRÉMIOS NACIONAIS:

Grande Premio de 10.000 Escudos

Para Portugal e Colónias, e mais 66 prémios, assim
distribuidos:

6	Prémios de Esc.	1.000,00
6	»	400,00
6	»	200,00
12	»	100,00
36	»	50,00

O mundo inteiro está interessado neste Concurso Inter-
nacional Kodak, no qual participarão mais de 85 países.
Deve pois empregar todos os seus esforços para que Portugal
ganhe, enviando muitas fotografias do assunto que preferir,
ou de todos os que se lhe depararem! Empenhe-se no
triunfo de Portugal que será o seu próprio triunfo!

Pedir a «Kodak L.^{da}», Rua Garrett, 33-Lisboa ou a qualquer revendedor «Kodak», as
condições do

CONCURSO INTERNACIONAL «KODAK»
para fotografos amadores, 375.000 escudos de premios

*Este
é melhor,
...Mãezinha!*



É o alimento mais saboroso que me tens dado! Não enjoa nem causa a mais pequena dôr ou prisão de ventre. Sinto-me mais forte e até parece que cresço cada vez que tomo

Allenburys

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.

Allen & Hanburys Ltd.,
Rua dos Douradores 29, 1.º, Lisboa



DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

de que é autor o ilustre professor e pintor
J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras,
encadernado em percalina, 30\$00

Pedidos à

Livraria BERTRAND
RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

Lithinés

du Docteur Guslin

Para preparar economicamente

**uma água alcalina,
litinada, digestiva**

muito eficaz no tratamento das
afecções de

Figado, Rins, Bexiga e Estomago

Horoscopos de ensaio gratuitos aos leitores dêste jornal

O professor Roxroy, astrologo bem conhecido, decidiu mais uma vez favorecer os habitantes desta terra, remetendo-lhes Horoscopos de ensaio gratuitos.

A fama do professor Roxroy é tão grande que uma introdução de nossa parte seria obvia.

O seu poder de lêr a vida humana a qualquer distância é simplesmente maravilhoso.

Mesmo os mais afamados astrologos o reconhecem como seu mestre e lhe seguem as pegadas.

Ele lhe dirá do que V. é capaz e a maneira de alcançar o sucesso. Descrever-lhe-ha os períodos favoráveis e desfavoráveis da sua vida. A justiça das suas informações sobre os acontecimentos passados e futuros vos surpreenderá e auxiliará.

O sr. Paul Stahman, sabio astrologo diz:

«O Horoscopo que me foi preparado pelo professor Roxroy está em perfeita conformidade com a verdade. É um trabalho verdadeiramente inteligente e consciencioso. Em minha qualidade de astrologo, examinei atentamente os seus calculos e indicações planetarias e verifiquei nêles a maior exactidão em todos os detalhes, e posso declarar que é uma competência nesta sciencia.»

Se desejar receber uma revista da sua vida, em Português, aproveitando esta oferta especial, mande-nos escrito com a sua mão simplesmente: seu nome, endereço, dia e mês em que nasceu assim como qual a sua terra natal, tudo bem distintamente escrito e com a sua propria mão. Diga se é homem ou senhora (se casado ou solteira) e indique-nos o nome dêste jornal. Não é preciso dinheiro, mas se quiser pode juntar: 2\$50 em selos do correio do seu país, para despesas postais e de escrituras.

Queira ter a bondade de dirigir a sua carta (devidamente selada) para **ROXROY, Dept. 6602.**

42, Emmastraat A HAYA (Holanda)



NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda humida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.

Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**

M. me Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA

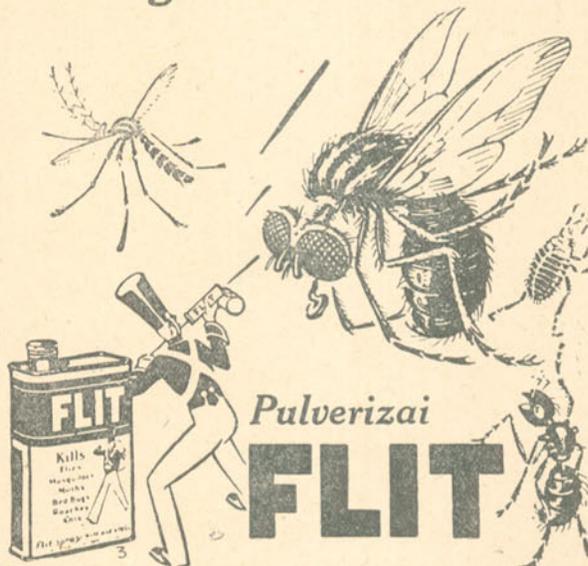
UM ARGUMENTO DE PESO



Mais de 150 anos

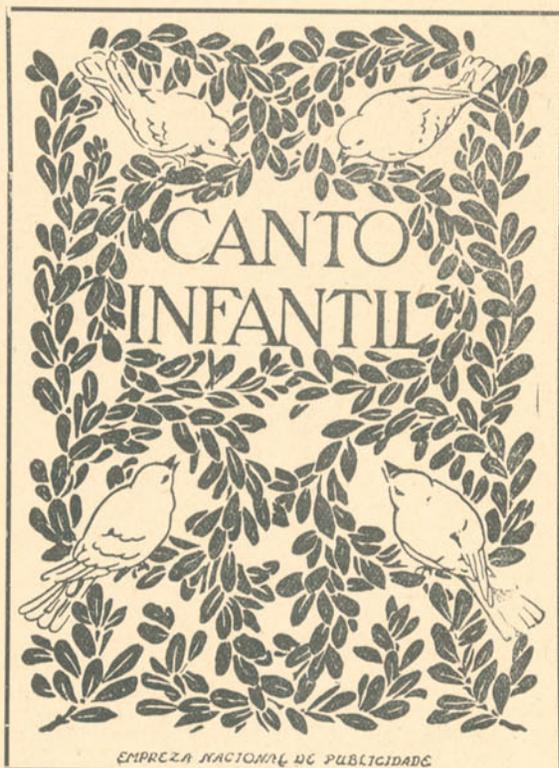
de justificada fama, garantem ser a **FARINHA DE S. BENTO** um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de tôdas as idades e, em especial, fracas ou idosas. Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Depósito Geral: R. DE S. BENTO, 374 — LISBOA. — Telefone Norte 3670

Protegei a vossa Casa



Pulverizai
FLIT





Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Desta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—e em todas as livrarias

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS **O PRETINHO DE ANGOLA**

por **CESAR DE FRIAS**

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



O FAMÓSO CREME
PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto
de mulher, é tratado
com a
Reine des Crèmes
Amanhã será
o vosso Creme*

REINE DES CRÈMES

A venda em todas as boas casas de Portugal
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C^l 100 rua Aureda Lisboa

"EVA," Uma linda
capa

*Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página cen-
tral — Os mais lindos figurinos*

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: *Arti-
gos, Crônicas, Crítica literária, Conse-
lhos e alvites, Culinária*

**Pensamentos
lugubres...**

As más digestões habituais, debilidade de estomago, enxaquecas e náuseas, acabam por tornar-nos de humor sombrio.

Para fazer desaparecer esse mau estar e evitar as recaídas, deve-se tomar de manhã e à noite uma colher, das de café, de "Sal de Fructa" ENO, diluído num copo d'água. A sua acção é sem igual para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo, combater a prisão de ventre, abrir o apetite, e gosar assim serenamente o prazer de viver.

*Exigi sempre a marca
Eno's "Fruit Salt".*



ENCONTRA-SE
À VENDA

A novela Anti-Clerical

A Amante do Cardeal

Por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do **TRATADO DE LATRÃO**. — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento.

Pedidos desde já à LIVRARIA BERTRAND
72, CHIADO, 75-LISBOA



O sorriso jovial da creança.

Qual a mãe que não deseja com toda a sua alma ver os seus filhos alegres, exuberantes?

Uma creança está atrasada? debil? nervosa? Não ha neccesidade de procurar a causa em qualquer doença, Esta causa reside talvez simplesmente na alimentação.

Não quer dizer que a creança tenha alimentação insufficiente: pelo contrario as suas refeições podem ser tão abundantes como bem preparadas. Mas talvez não seja essa a alimentação que ella necessita.

O adulto só se alimenta para reparar a perda tanto em substancia como em força; a creança necessita alem d'isso de prever ao seu desenvolvimento.

Logo, o que lhe convém é uma alimentação não sómente abun-

dante, mas tambem e principalmente substancial e assimilavel em alto grau. Uma chavena d'Ovomaltine ao almoço responde a todas estas exigencias. A Ovomaltine contém no estado mais concentrado todos os elementos nutritivos do malte, do leite, dos ovos e do cacau, sob a forma inteira e facilmente assimilavel e melhor adaptada ao organismo infantil.

Todas as creanças que cresceram depressa, ou que qualquer coisa as fatiga, palidas ou pouco alegres, deveriam tomar, de manhã ao pequeno almoço uma chavena da saborosa e fortificante Ovomaltine. Mas tambem ás creanças com saude ella asegura melhor que qualquer outra coisa um desenvolvimento normal.



A **OVOMALTINE**
é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias
Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41-2º

Lisboa



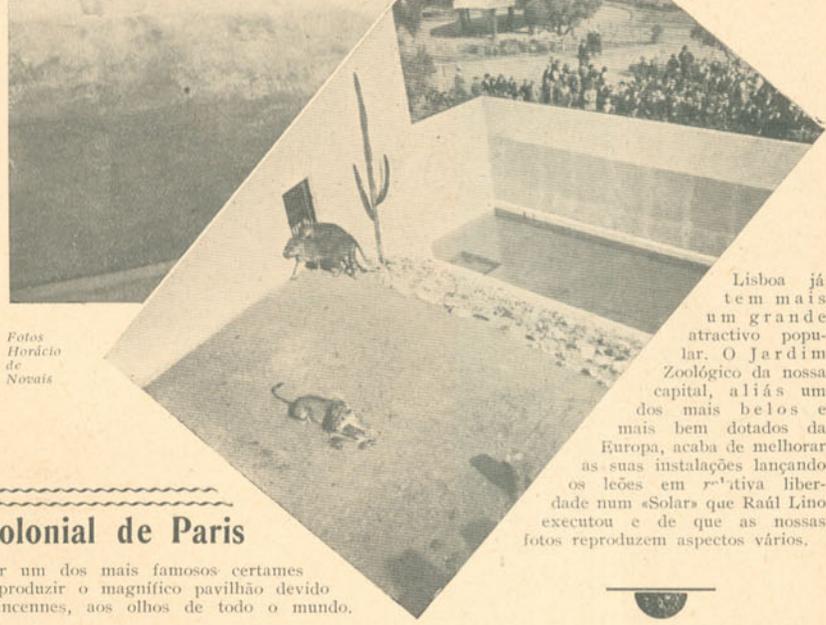
ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 131
31 de Maio de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 .. Composição e impressão :
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..
Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO
DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.

O SOLAR DOS LEÕES

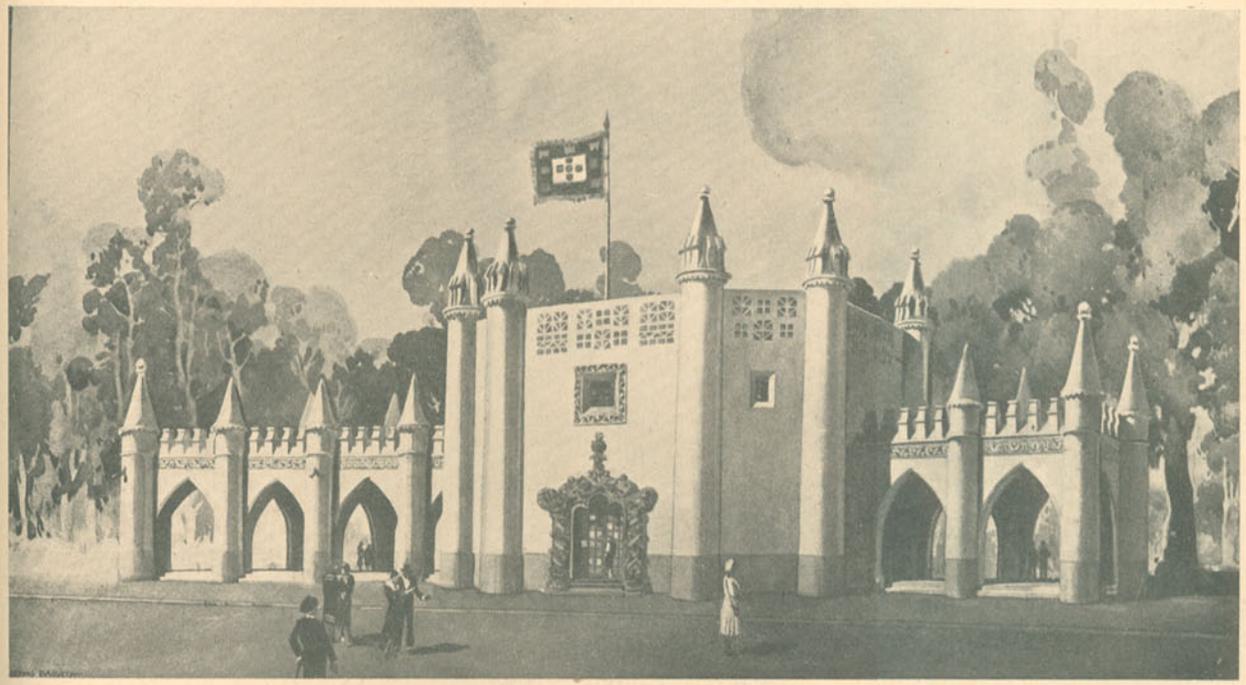


Fotos
Horácio
de
Novais

Lisboa já tem mais um grande atractivo popular. O Jardim Zoológico da nossa capital, aliás um dos mais belos e mais bem dotados da Europa, acaba de melhorar as suas instalações lançando os leões em relativa liberdade num «Solar» que Raúl Lino executou e de que as nossas fotos reproduzem aspectos vários.

Portugal na Exposição Colonial de Paris

Neste momento, em que se acaba de inaugurar um dos mais famosos certames de todos os tempos, julgamos nosso dever reproduzir o magnífico pavilhão devido a Raúl Lino, que representa Portugal, em Vincennes, aos olhos de todo o mundo.



A EXPOSIÇÃO COLO- NIAL DE



EM CIMA — O pavilhão da África Ocidental Francesa
(Foto Orríos)

PARIS



Um espectáculo inédito no bosque de Vincennes. Negras do Equador Francês dirigindo-se à sua aldeia característica, no seu passo ritmado que nem a proximidade de Paris pode alterar na sua primitiva beleza
(Foto Orríos)

EM BAIXO — No improvisado jardim Zoológico, magestosos leões passeiam em liberdade... aparente
(Foto Orríos)



EM BAIXO — Outro aspecto do original Jardim Zoológico da Exposição. Uma tribo de elefantes africanos
(Foto Orríos)





Um dos mais curiosos pavilhões, o do Congo Belga, a máxima simplicidade e um ar típico soberbo

(Foto Orrios)

A CABA de ser inaugurada, nos arredores de Paris, a grande Exposição Colonial. Como espectáculo, considerada como deslumbramento para os olhos pasmados dos turistas que, de toda a parte do mundo, acorrerão à cidade Luz, ela dificilmente terá termo de comparação, tal a sua magnificência. E criando um tal atractivo de turismo, a França, económica, atilada para o negócio, terá feito um negócio soberbo.

Mas há que encarar, também, na Exposi-

EM BAIXO — Na cerimónia da inauguração. Ante o magestoso templo de Angkor, a maior maravilha da Exposição Colonial, perfila-se a estranha e pitoresca guarda de honra dos soldados cambodjianos, esperando a passagem do presidente Doumergue

(Foto Orrios)



Patrioticamente, as primeiras visitantes do certame foram estas lindas alsacianas que vemos, envergando os seus trajes típicos, ao passar diante do templo de Angkor

(Foto Orrios)



Hoje, quando cada país olha para o seu domínio colonial, não só como para uma riqueza grande mas como para a sua própria razão de existência, pode ser notabilíssimo o efeito desta exposição, catálogo vivo do progresso nos métodos de civilização das regiões coloniais.

E como Portugal esteve e está ainda e sempre, à frente de todos os países pela sua vasta obra colonizadora, justo é o lugar de destaque que, com o seu pavilhão magnífico, que reproduzimos noutra local, ele ocupa junto a Paris, entre outros pavilhões, decerto mais opulentos mas não mais representativos de um esforço generoso e magnífico em prol da felicidade humana.

NOTAS DOS ACONTECIMENTOS DE ES



Aspecto exterior do Convento das Mercenarias, situado no bairro excêntrico de Cuatro Caminos, em Madrid, no momento em que a turba, depois de lançar fogo ao edifício, vai fazendo fogueiras, na rua, com o mobiliário do edifício.
(Foto Orríos)

Não é ousadia demasiada afirmar que os recentes acontecimentos de Espanha atraíram poderosamente as atenções de toda a Europa, melhor, de todo o mundo.

A grande nação vizinha, num período febril de reconstrução e de instauração de um novo Estado que vertebrasse a sua nacionalidade amolecida por anos e anos de esteril domínio borbónico, viu-se, de súbito, alvo das atenções e até dos receios gerais, porque nas ruas das suas grandes cidades uma onda demagógica ameaçou, por instantes, ainda que fugazes, subverter toda a obra já grande e respeitável, dos actuais detentores do poder pleno.

A DIREITA — Vista da igreja e convento de Maravillas já destruída pelas chamas e quando a multidão já se encontrava afastada do edifício pelas tropas que protegiam o trabalho dos bombeiros.

(Foto Orríos)



A ESQUERDA — Um aspecto das trazéiras do convento de Jesuítas da Calle de la Flór, no momento em que o povo o invadia, colérico, na trágica jornada incendiária de Madrid.

(Foto Orríos)



apenas valores da República nascente, logo houve quem vaticinasse próximas as perturbações violentas que, felizmente, se não haviam registado nos momentos do grande triunfo popular.

Ramon Franco, um herói de fortes seivas populares, romantizado pela novela e pela copla, revolucionário por instinto, um dos grandes sacrificados entre os precursores da 2.ª República Espanhola, disse-o logo:

— Já temos República. Falta-nos agora fazer a Revolução!...

E por revolução entendia o caudilho o grande labor legislativo, de reforma social e agrária, tudo vazado nos moldes radicais que o povo deseja e que o Governo Provisório, apesar de, como Governo de excepção, ter plenos poderes, não quis ainda, talvez com tacto diplomático, realizar plenamente antes das Constituintes.

INEDITAS TECIMENTOS PANHA

O povo, porém, que conhece, como ninguém, a história, no seu próprio instinto hiper-sensível, recorda a odisséia lamentável da sua primeira República e como a oratória brilhante e constituinte de Salmerón e Cas-



Os comandantes e oficiais implicados no gorado movimento de Cuatro Vientos ofereceram um banquete aos seus defensores. Presidiu Ramon Franco e ao arape atribuem-se significações de radicalismo republicano

(Foto Orrios)



A DIREITA — Um espectáculo inédito na alegre Madrid. Na célebre Calle de Alcalá, os automóveis blindados panham uma nota belicosa mas, como sempre acontece em Madrid, pitoresca pelo contraste com o movimento normal de eléctricos e público

(Foto Orrios)

telar deu tempo à reacção do general Pavia. E então, o povo, mostrou amplamente o seu nervosismo que, pescadores de águas turvas tentaram desviar e canalizar como meio poderoso em prol das suas ambições ruins. E assim sobreveio a medonha agitação que já está dominada, para bem de todos, e que transformou em brazeiros alguns monumentos e casas religiosas de Espanha.

O bom senso do próprio povo evitou o prolongamento dessa demagogia vermelha que serviria de prólogo seguro a uma demagogia reacionária negra e, talvez, à guerra civil ou a uma nova edição correcta e aumentada da tragédia de Seravejo, vestibulo sangrento dessa catedral de horror que foi a guerra europeia.

Hoje a Espanha, nossa vizinha cordeal, vê

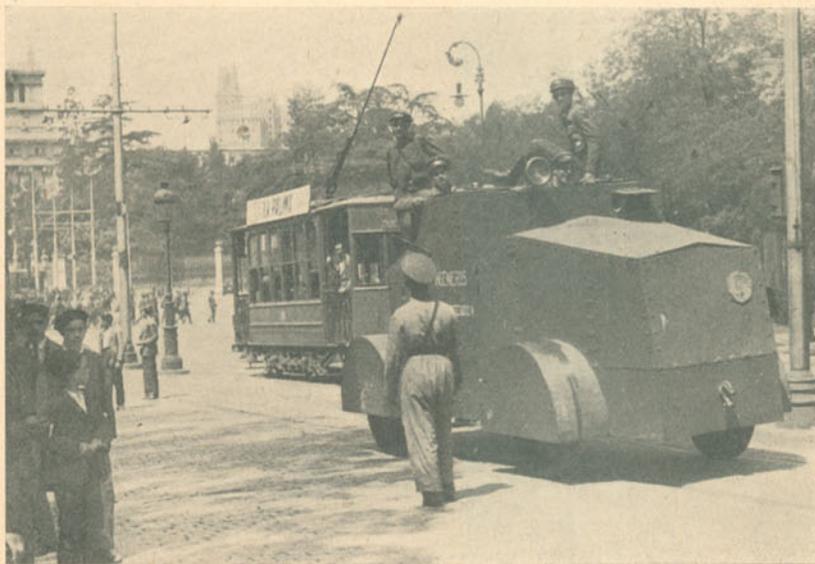
o seu horizonte desanuviado. A mesma repressão governamental varreu os agitadores das alforjas e das dioceses.

O problema catalão encontrou a solução mais nobre e digna no patriotismo abnegado do coronel Maciá. O problema financeiro e o agrário vão em triunfal solução ao tempo que Lerroux, em Genebra, desanuviava, com a sua argúcia, o toldado céu internacional.

E o grande país visinho encontrará, em breve, na paz e no trabalho, a solução moderna do seu rejuvenescimento vertebral.

A ESQUERDA — Boatos insistentes de assaltos aos bancos, operados com o intuito de semear o pânico, obrigaram ao policiamento das ruas de Madrid pelo exército. Aspecto da Praça de Cibele, onde fica o Banco de España

(Foto Orrios)



VEJAM!...



NO MEDALHÃO — O insigne maestro italiano Arturo Toscanini, um dos mais célebres regentes da actualidade, que, no passado dia 15, em Bolonha, ao dirigir um concerto, foi agredido violentamente pelos camisas-negras, por se ter recusado a abrir o programa com o hino fascista

(Foto Orrios)



EM CIMA — Os novos quintanistas de medicina da Universidade do Porto, pousando para «Ilustração» depois do banquete de confraternização levado a efeito em Santo Tirso

(Foto Alvaro Martins)

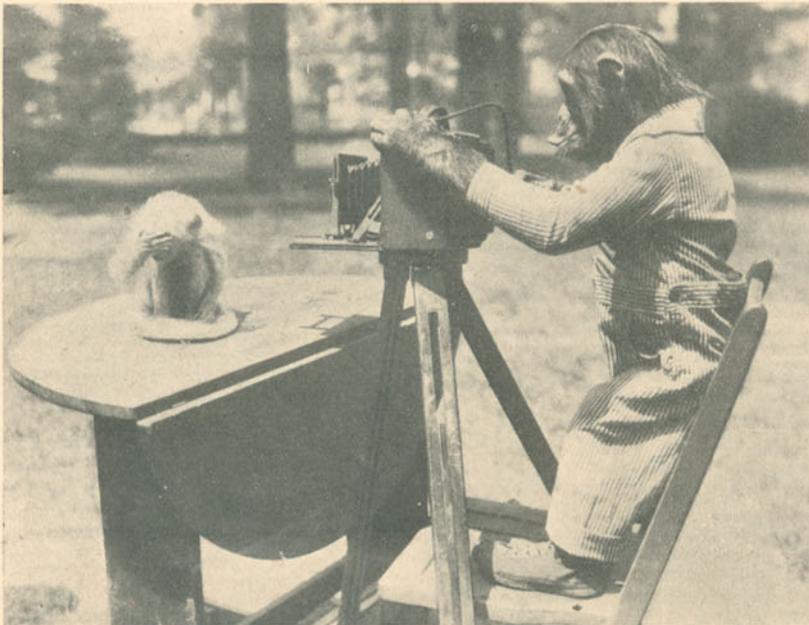


EM BAIXO — Leon Coznet, o illustre escultor francês, junto da estátua de Georges Clémenceau que executou para ser levantada nos Campos Elísios, de Paris, celebrando, para todo o sempre, a memória augusta do que foi «O pai da Vitória»

(Foto Orrios)

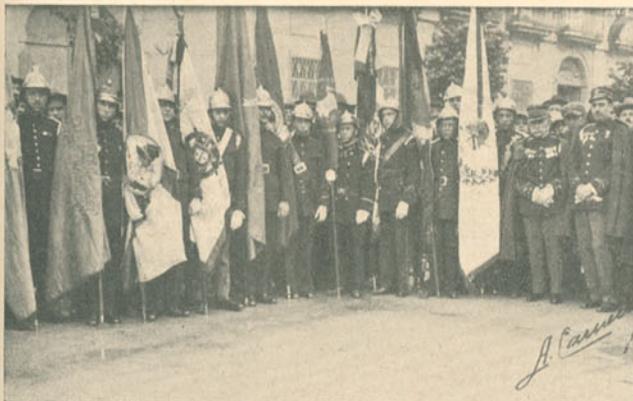
NO OVAL DO CENTRO — Homagem das comissões de Lisboa da «União Nacional» ao sr. Presidente da República e governo. O sr. Freitas Brito, presidente da comissão, lendo, no palácio de Belém, a mensagem de saudações, na presença do sr. General Carmona

(Foto Hordácio de Novais)



A esquerda — A inteligência dos animais, devidamente cultivada, é capaz de muitos prodígios. A nossa foto representa um dos chimpanzés amestrados dos filmes cinematográficos de Hollywood que possui a inteligência suficiente para retratar os filhos com o carinho dum verdadeiro fotógrafo-pai

(Foto Orrios)



As Bodas de Oiro da Associação dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo

A ESQUERDA — Os estandartes das diversas corporações do país que se fizeram representar nesta festa. — A DIREITA — Mr. Januarío Viana, capelão dos Voluntários, rodeado dos representantes das diversas corporações voluntárias do país, entre eles J. Segurado, de Cascais; Júlio Cardoso, de Lisboa; J. Gourinho, do Estoril; Brito, dos Portuenses, Leite Feijó, de Viana, etc., depois da bênção do material.
(Fotos Aufellano Carneiro)



A industria alemã do automovel

Está tomando vulto e interêsse a ideia de se levar a efeito, no fim d'este próximo mês, em Lisboa, uma exposição de automóveis, motocicletas e acessórios da indústria automobilista alemã. Os representantes e agentes de Portugal já deram a sua adesão e foi eleita uma comissão composta pelos srs. João Gellweiler, Armando Guimarães, pelos agentes, e A. de Campos Júnior, director de «O Volante», que a nossa foto representa

O Congresso dos Portuguezes no Brasil

Reñiu, no Rio de Janeiro, este congresso, cujo alto significado se torna desnecessário encarecer. Os seus efeitos, no campo moral e material, podem ser incalculáveis. As nossas fotos representam:

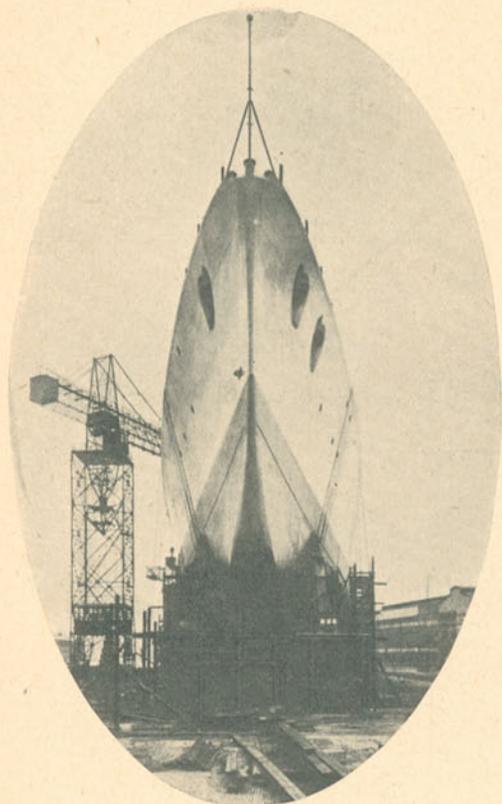
EM CIMA — A mesa da sessão solene de inauguração, realizada em 3 de Maio no Gabinete Português de Leitura a prestimosa agremiação do Rio de Janeiro

A DIREITA — Um aspecto da escolhida assistência da grande colónia portuguesa à sessão inaugural do Congresso dos Portuguezes do Brasil, na sala nobre do Gabinete Português de Leitura

(Fotos Lusitania)



Por cá e lá por fóra...



A Alemanha não desarma...

Nos estaleiros alemães acaba de ser lançado, ao som de um discurso pacifista, um colossal barco de guerra, o «Panzer», cruzador de tonelagem igual ao máximo que os tratados internacionais permitem. Pela nossa foto se pode avaliar do aspecto do forte instrumento de paz... armada de que dispõe hoje a Prússia.

(Foto Orrios)

Rainhas de beleza

Ainda está em início o reinado da beleza das concorrentes a Galveston e já a Alemanha pensa no próximo concurso. A nossa foto representa a linda artista Daisy D'Ora que, no grande certame almejado realizado no Eden-Hotel, obteve o título de «Miss Alemanha 1931».

(Foto Orrios)

Uma elegante festa desportiva

Um dos mais elegantes e esforçados clubs desportivos da capital, «Grupo Desportivo os 13», grande propulsor do basket e dos sports atléticos, realizou uma elegante festa, cuja assistência reproduzimos, em homenagem ao nosso amigo Pedro de Andrade, que é o grande animador da colectividade e um desportista de grande mérito.

(Foto H. de Novais)



Tomás Borrás



O insigne prosador e contista espanhol que a acaba de conquistar um grande e merecido triunfo com a sua *tele-comédia* «Tódas los ruidos de aquél dia...», que a T. S. F. levou aos confins do mundo e que acaba de aparecer em elegante edição, ao mesmo tempo que, em tradução portuguesa, se publica a sua formosa novela «Mulher de Sal».



REMBRANDT — SASKIA COM O CRAVO



O grande campeão ciclista francês Maurice Perrin partindo para o Grande Prêmio da Primavera que ganhou em Londres

(Foto Orrios)

desportos

O desporto, escola de movimento onde a estética abunda em requintes de estilo, é um aliado natural da arte, isto desde as mais remotas eras. Contudo, para fazer obra digna há que associar às noções de beleza física um escrúpulo de verdade nas atitudes fixadas.

Tôdas estas considerações vêm a propósito de uma escultura gigantesca que o seu autor, sr. J. Neto, intitulou «Discobolo», e que a Municipalidade, em má hora, adquiriu para colocar nalgum jardim público.

O atleta, de estatura superior a uns dois

metros, pretende ser focado no início da fase de projecção, terminada a evolução circulatoria; mas, naquilo que ali está, não há um detalhe exacto.

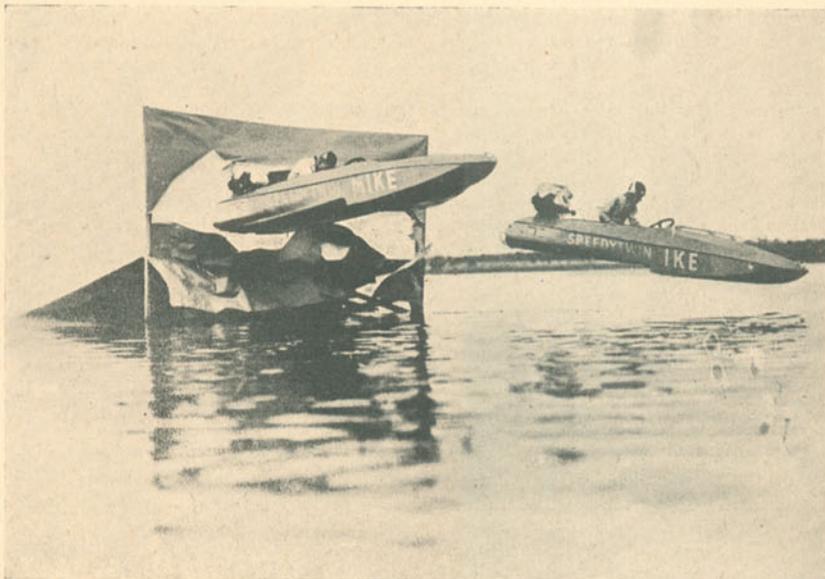
Para quem conheça um pouco da técnica do lançamento do disco, a escultura é um estajerno.

Errada a posição hirta da perna esquerda, errado o descolamento do calcanhar do mesmo lado; falsa a posição do tronco demasiado fletido em relação ao grau de torsão, impedindo a distorsão helicoidal do último gesto; contrária a tôdas as regras a posição do disco, que

fiado em relação ao volume do monstro. Só me pareceu exacto o facies do lançador, não porque reproduza o mínimo rictus de esforço, mas porque parece zangadíssimo: por certo com o escultor, pela figura ridícula a que o obriga!

UM CHEQUE IMPREVISTO

A equipe profissional representativa da Inglaterra em foot-ball, foi inesperadamente vencida em Paris pelos franceses, por 5 bolas a 2.



Malcolm Pope e Jack Kerr, campeões do out-board, executando uma arriscada proeza em Winter Haven, Florida

(Foto Orrios)

é apresentado de chapa e não de gume no sentido do lançamento. Estes são os erros principais que logo me saltaram à vista, mas descer a minúcias. Acresce ainda que se me afigura absolutamente falsa a posição anatómica e muscular do ombro esquerdo, atro-

Considerados, e considerando-se, como os grandes mestres no clássico jogo da bola, os profissionais ingleses haviam até agora sofrido um único cheque no continente, batidos pelos espanhóis, em 1929, pela escassa diferença de uma bola e após uma luta emocionante.

Desta vez a derrota foi mais nítida e, dentro da lógica, representa um deslize anômalo, apenas justificado por uma errada apreciação do valor do adversário. Porque, em boa verdade, a ninguém passa pela cabeça supôr que os franceses jogam mais do que os britânicos.

ATLETISMO BRASILEIRO

Em Portugal conhece-se muito pouco o valor do desporto brasileiro, excepção feita ao foot-ball.

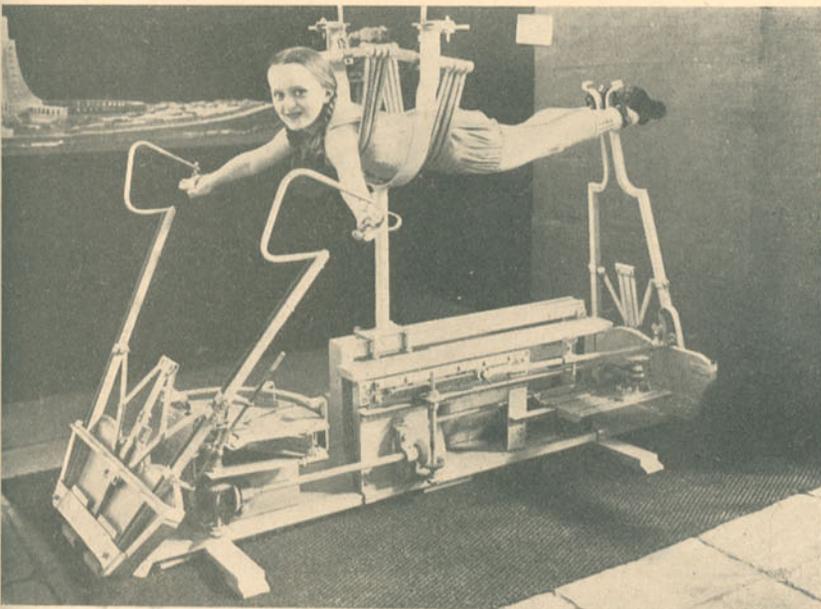
Mãos amigas nos remeteram das terras de Santa Cruz alguns jornais relatando as provas de selecção para os Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo, permitindo-nos verificar quanto é grande o valor dos atletas brasileiros que, na grande maioria das provas deixariam os nossos a perder de vista.

Os 100^m foram feitos em 10" ⁷/₁₀ e os 200^m em 22" ⁴/₅; os 400^m em 49" ⁹/₁₀; os 800^m em 1' 57" ⁷/₁₀, tudo limites que, para nós, pairam ainda nos domínios da fantasia.

Nas distâncias maiores nivelamo-nos ou dominamos: 1.500^m em 4' 16" ²/₅; 3.000^m em 9' 18" ⁴/₅, e 10.000^m em 34' 34".

E etc.... etc.... etc....

SALAZAR CARREIRA.



Um extraordinário aparelho alemão, movido a electricidade, e que ensina a nadar com uma perfeição absoluta

(Foto Orrios)

O ESQUELETO DE SENA FREITAS

Historia de um duelo e de um desenho inédito de Rafael Bordalo Pinheiro

Há bons vinte anos um facto desusado alarmou a literatura e fêz rir a Lisboa pacata dêsse tempo. O caso era único na história de tôdas as literaturas. Uma senhora desafiara para um duelo de morte o poeta Guerra Junqueiro e o padre Sena Freitas. Fundava-se tal repto em ter o poeta escrito a *Velhice do Padre Eterno* e ter o padre escrito a *Autópsia* do mesmo poema.

D. Martina Carolina Reboli de Bulhões Maldonado (assim se chamava a ofendida), não admitindo que tais heresias se escrevessem em letra redonda, desafiou Guerra Junqueiro, mas, como Senas Freitas, para rebater o livro herético, se viria obrigado a fazer citações, D. Martina igualmente o desafiou.

Não chegou a haver sangue. D. Martina tinha sobrinhos, e os pequenitos, ouvindo falar no caso, pediram à tia que não fizesse mal àqueles homens. Era o aviso do céu pela bôca da inocência. D. Martina escutou-o e, em vez de se bater em campo razo com os dois literatos, publicou um livro curiosíssimo chamado *Duelo de morte*, livro que fêz rir Lisboa inteira e, do qual, as gazetas fizeram largas transcrições.

Nessas páginas alegres, D. Martina provava claramente que não era o mêdo que a detinha. Um poeta magro e um padre magríssimo não assustavam o ânimo pertinaz de quem nas Índias subjugara uma pantera e, em Lisboa, em plena praça do Camões, havia sustido os ímpetos duma parelha que ia atropelar uma senhora grávida, salvando assim o presente e o futuro.

D. Martina não tinha mêdo mas, uma vez que a voz dos inocentes tinha intercedido, ficava adiado o encontro para o Vale de Josafat.

Vai agora entrar em scena o grande caricaturista Rafael Bordalo. A *Paródia* não podia deixar de celebrar o feito e o seu director, de lápis sempre em riste, resolvera, apenas o livro saiu dos prelos, immortalizar-lhe a autora com um *croquis* do duelo. Para êste, Rafael, precisava de caçar a vera effigie do padre. Isso não era muito fácil. Sena Freitas, prevenido, furtava-se, e mesmo, por êsse tempo, andava êle combalido de febres e tinha deixado o piso habitual da Mônaco, trocando-o pela Livraria Católica. Esta livraria ficava no primeiro andar da Tabacaria Neves, com entrada pelo n.º 6 da Calçada do Carmo, e era ponto obrigado de reunião de velhos legitimistas, padres e gente de boa roda. Meu pai era dos freqüentadores diários da casa.

Uma tarde dirigia-se meu Pai, comigo, para a Livraria, passávamos em frente do chapeleiro, quando o vulto inconfundível do Bordalo se despegou dum cacho de amigos e veio a nós, com ares de mistério.

Chamou meu pai para a borda do passeio e conversaram. Minutos depois diziam-me que fôsse ver se o Sena Freitas já estava na livraria. Voltei com a afirmação e ouvi o Rafael dizer a meu Pai:

— Bem, eu vou para a porta do Júlio, fazes

que êle venha à janela um minuto e depois vem ter ao Martinho...

Assim foi. Meu Pai, sob qualquer pretexto, trouxe o padre para uma varanda do lado da Calçada do Carmo e da tabacaria fronteira e Rafael pôde, à vontade, retratar o desafiado de D. Martina.

Seguimos dali para o café, onde já estava Bordalo Pinheiro. Comentou-se alegremente o caso, rimo-nos com o pormenor, bem expresso no livro, dos dois escritores deverem entrar no campo com os olhos vendados e D. Martina, com êles bem abertos e um florete em cada mão e, nesta altura da conversa, Bordalo Pinheiro confessou-nos:

— Eu já tinha desesperado de apanhar o Sena Freitas e já me tinha defendido. Como a autora remete o duelo para o dia de juízo, eu já tinha maquinado uma página curiosa. Aqui está o esqueleto do Sena Freitas... Por

sinal que está *gôrdo de mais* para ser o dêle, e deu-me um trabalhão por causa das costelas; tive de ir ver um nos mapas do Estácio...

O papel que êle nos estendeu era o desenho que acompanha êste artigo.

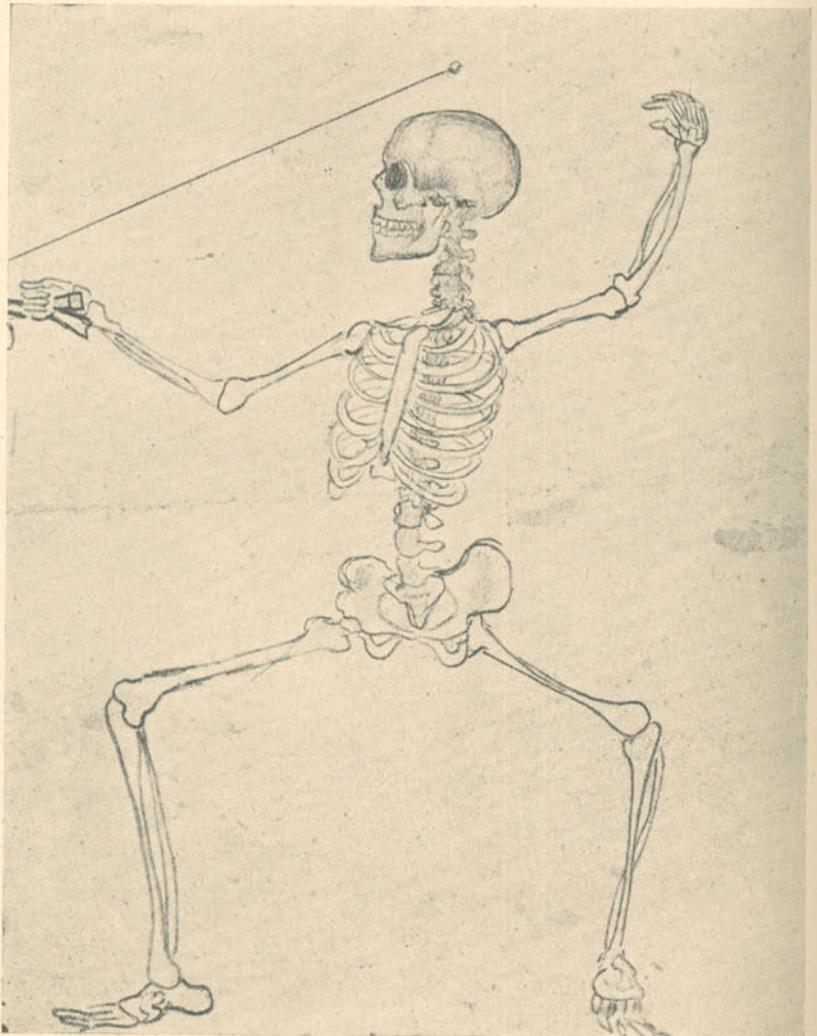
Realmente o desenho é curioso. Os que conheceram Sena Freitas reconhecem que a caveira dêle deveria ser assim...

Êle próprio riu muito e concordou com o receio do Rafael de que o esqueleto estivesse pouco magro.

No sâbado seguinte, a *Paródia* publicava um *croquis* do duelo, onde D. Martina Carolina Reboli de Bulhões Maldonado atacava resolutamente Junqueiro, de barbas, e o padre, de sotaina.

E tudo isto se deve a meu Pai.

CASTELO DE MORAIS.





LUSIA ATENAS

CONTO DE MARIO COELHO ILUSTRADO
POR JOÃO CARLOS

SUADES de Coimbra me levam, entre recordações, a uma tarde no Penedo da Saúde, quando o Sol agonizava sobre um crepúsculo tépido. Combináramos estudar juntos naquele verão adusto que até recusava migalhas de frescura sobre o tapete seco de relvas...

Pouco se demoraram as sombras. E meu colega, que usara barbas que foram o terror dos caloiros, que levava sua juventude à Universidade com a mesma indiferença com que levava seus haveres ao Favas penhorista, lamentava-se de que a geração que ele alcinhava «dos copos de leite» com o orgulho de quem se acostumou a tratar o carrascão por tu, fôsse tão previdente, tão supersticiosa da formatura, psicologicamente tão máquina a vapor.

Era todo à antiga. Odiava as maravilhas da lâmpada eléctrica e fôra adversário temível de todas as inovações na cidade, de todas as penetrações da civilização e, com alguns contemporâneos seus, protestava ruidosamente contra a introdução dos balneários que revolucionaram os velhos e os são costumes. Cioso da rotina que não tortura com o imprevisito, rebelde à Minerva que cultiva o castigo da surpresa, fanático do Baco que consola com notas caleidoscópicas as horas estreitas e monótonas, era todo à antiga.

— Não há nada como ser verdadeiro estudante de Coimbra! — afirmava com veemência de quem conhece a Vida e o Mundo como os seus dedos, êle que se criara pelo Brasil, vivera anos em Lisboa, percorrera terras de África e, concentrando uma fortuna, se metera em Coimbra para — como êle dizia — Minerva o ver. Eu, seu mais próximo colega, menino e moço em quem o buço não desponta ainda com receio da ponta do nariz, não conseguia compreendê-lo e, suspeitando-o neve precoce do outono ainda em meio, quando o ouvia: «só em Coimbra até a miséria tem o reflexo dum paraizo. Coimbra é que é

a cidade eterna!», convidei-o a ir jantar comigo, tomar uns copos e, com curiosidade, desviei a conversa:

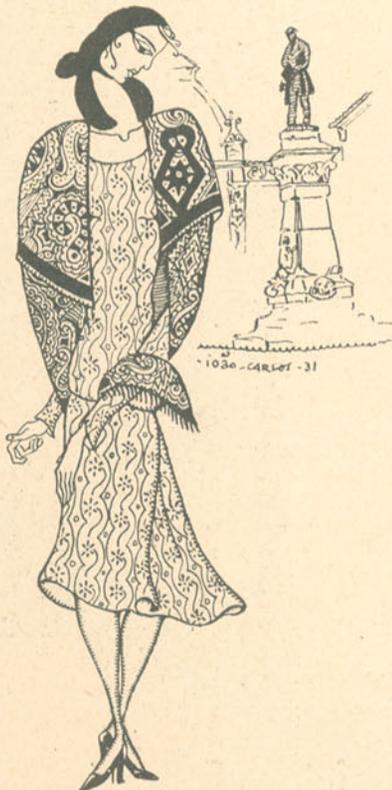
— Há quantos anos andas tu em Coimbra?

O meu colega, que se envaidecia de andar, há perto de doze anos, embrulhado na mesma capa, com gravidade me segredou que não

detestava os reformadores dos tempos de Pombal tanto pelos chumbos que lhe deram como pelas reformas que fizeram.

— Reformas? Ora bolas! Há lá coisa mais prática do que o viver antigo! E toda a luta pela vida, nestes séculos últimos, não gira em volta do antigo ideal de religião, comida e dormida? Para que trabalha, súa e poupa um homem? Para que um dia não tenha de trabalhar, de suar e possa, podendo, poupar ainda. Ora cá está. Poupar hoje, poupar amanhã, poupar sempre, poupar, em podendo, ainda depois da morte. Ora cá está. Poupar é a verdade forte do meu ideal antigo, do ideal da religião, comida e dormida, desse ideal de sempre que eu chamo eterno. É que, meu amigo, quando se afasta do existente; mete-se a humanidade no que chama o seu futuro e encontra-se, sem o reflectir, distante do passado e, portanto, do paraizo onde existiu a felicidade. Mas há mais quanto a essas manias de reformas e de inovações. Porque toma um estudante apontamentos num caderno e à margem dum código? É ainda, meu amigo, o valor do passado. Porque é necessário, porque é ainda qualquer coisa que eu chamei, num desafio aos reformadores, a verdade dos glosadores. Hoje, manda o que se chama o progresso a decorar em casa o que outrora simplesmente liam) preleccionem. Muito bem. Ressalta ainda o valor do passado. Como procede o lente? Em vez de ler, vê-se obrigado a decorar em casa o que, antigamente, havia de ler na aula. O passado, meu amigo, é qualquer coisa de espantoso, de sublime. E creia que detesto mais Pombal do que Melo Freire, apesar de me ter reprovado várias vezes, porque estou certo de que nunca lhe passou pelas sombras a ideia de que eu, embrulhado nesta capa, havia de assistir à morte de Coimbra.

Ante aquela torrente de argumentos que racionalizavam uma atitude que me levava por vezes a chamar-lhe dogmático e bárbaro,





eu, distraído e mentalmente, relembra-va quadras :

*Mas o Mondego encantado
(Pois há ainda quem o diz)
Já andou matriculado
Nos tempos de D. Denis...*

*O estudante é mouco e cego
E, em constância, nunca timbra...
¿Se te formasses, Mondego,
Que seria de Coimbra?*

E, sorrindo às alusões aos reformadores da Universidade, para dizer alguma coisa, exclamei :

— Morte de Coimbra?!

— Sim. Nada resistirá à morte, enquanto a mocidade fór um fantasma.

Esta agora seria comigo. Não me ralei. Tínhamos chegado à Alta. Entramos na pensão e, ofegantes e impacientes, bebemos como camaradas dos antigos tempos em que Coimbra era eterna, e bebemos e bebemos como se o vinho, emprestando as botas de sete léguas, nos transportasse a esse passado coimbrão de estúrdias académicas que uma longa solidariedade unisse no mutismo enigmático dos séculos, sòmente para que aquele descrente encarasse com ternura a nossa idade dos copos de leite.

¿Que culpa tínhamos nós, afinal? — acobrunhado, eu scismava, entre miragens cale-descópicas, quando o meu clássico colega, com a atitude severa e paternal de quem revela a um filho amado o segrêdo dum tesouro oculto, decidiu-se a contar-me os motivos do seu fervor pelo Baco.

Principiando por ares evasivos do velho cardial, eu adivinhara logo que Coimbra era a deusa que êle servia, porque lhe levava para sempre essa alegria que, sendo a verdadeira, a expontânea, a maior, sepultada para sempre lhe emprestava ao coração a dissimulação heroica da alegria que deslumbra. ¿Não será verdade que uma tortura maior aniquila

torturas pequenas, couraça um espírito de tôdas as contrariedades? E daqui — ¿porque não? — esse académico que ficara esquecido, dique forte contra inovações como se dizia, era em carne o destino do Felipe de pedra sôbre a Porta Férrea, que ficara esquecido e poucado, batido o jugo castelhano.

— Ah! não! E eu tenho a necessidade de contar!... Enfim... ¿Porque não?... Tu és meu amigo — estou ainda a vê-lo, hesitar.

— Conta lá — dizia-lhe eu.

— Cheguei a Coimbra, lá vai tempo. Ah! Espera um pouquinho. Mais um copo. ¿Não queres?

— Não posso. O meu estômago protesta.

— Eu, quanto mais vinho, melhor. Somos velhos amigos. O meu estômago é tu cá tu lá com êle. O amor com amor se paga. Mais vinho.

Alheado, esvasiando copos sôbre copos, o meu amigo contou-me com tremuras estranhas na voz :

— Ela morava na Rua do Correio; e, hierática e esguia como um fuso, afirmavam a miude que Maria da Graça não tinha graça nenhuma. Até lhe chamavam simplesmente Maria. Então, nestes tempos, eu era, meu amigo, muito mais «estético» do que hoje

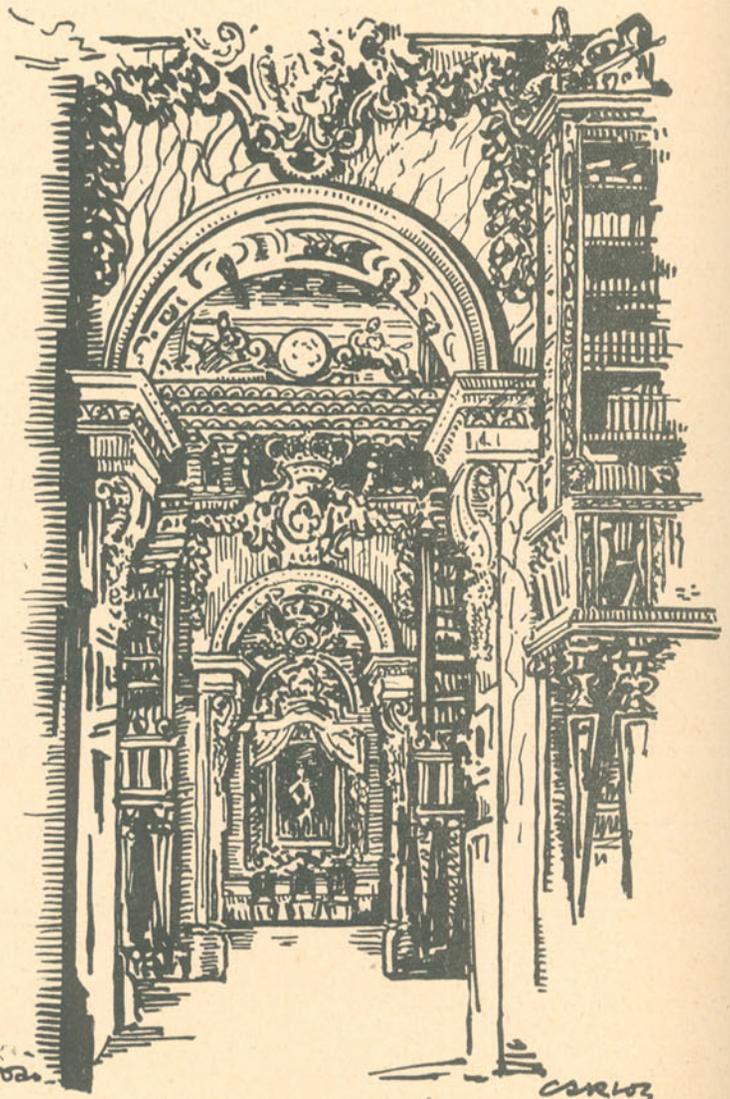
sou de estático. E, Universidade acima Rua do Correio abaixo, estava, em pouco tempo, um homem perdido.

«Maria da Graça sabia sorrir e eu tive que fazer versos. Corriam dias nesse ledó encanto. Mas — tudo tem um mas neste mundo — Maria da Graça, uma tarde, adoeceu...

— Morreu? Morreu?!

— Antes morresse. Começou a engordar. E eu que sonhara tanto com a Maria da Graça magrinha, tão magrinha! Passavam dias e Maria da Graça cada vez mais gorda! Comecei a sofrer de scisma. Que tragédia, meu amigo! Scismava muito. Não me apetecia descer até a Rua do Correio. Scismava. Um médico, que viera ver-me, diagnosticou uma dilatação no cardíaco. Recomendou-me mudança de ares. Scismava; e, na solidão do meu quarto, procurava, como um louco, a Maria da Graça que engordava na Rua do Correio. Que tragédia, meu amigo, que tragédia! Como tinha fortuna, em homenagem ao único amor da minha vida, casei Maria da Graça, gorda, muito gorda, no Pôrto e dei-lhe um dote opulento. Depois tudo mudou. Empobreci e tenho a alegria forte de rapaz. Tudo mudou. Até Maria da Graça freqüenta

(Conclui a págs. 39)





Leonardo Coimbra visto por Sampaio

LEONARDO COIMBRA

NA trajetória do pensamento português, onde se marcam tôdas as épocas de decadência e de revigoramento mental, deve apontar-se o Prof. Leonardo Coimbra como o ponto mais elevado e mais sólido da nossa civilização filosófica.

Há em tôda a sua obra um anseio luso, ardente e profundo, de luz distante e de humanidade. Tôdas as suas palavras, escritas ou pronunciadas, são asas de conquista, são asas de descobertas anímicas. Talvez por isto, a sua obra é, actualmente, numa parte da Europa e, principalmente, em tôdas as universidades ibéricas, uma obra que transforma discípulos em mestres.

Leonardo Coimbra, que tem na voz e nos gestos de beirão retalhos do vento sacudido da sua província, é, inalteravelmente, um professor rodeado de discípulos. Nos cafés do Pôrto, que são os cafés portugueses onde se respira menos intelectualidade, quando, por vezes, êle aparece, não é só o seu forte arca-boio e o seu rosto severo, que atraem, que chamam os olhos da multidão. Mais do que a sua figura, atrai, sempre, pelo séquito que o rodeia. Por vezes, chega-se a ter a impressão de que o autor de *A Alegria*, *a Dôr* e *a Graça* é um desses filósofos gregos que viviam, permanentemente, seguidos, rodeados de grupos de alunos e admiradores.

O domínio de persuasão e a magestade arrebatadora das suas declarações assemelham-se, quasi sempre, a novas manhãs de cultura, descendo da sua cátedra inconfundível. Leonardo Coimbra tem feito discípulos em tôdas as suas modalidades vitais. Como político, num vôo curto como ministro da Instrução, teve e continua a ter mocidades em brasa, ferventes, que o seguem, que o aplaudem. Como filósofo, no livro e na oratória, conquistou os novos mais esperançosos de Portugal.

Em tôrno de Leonardo Coimbra começa mesmo a existir uma numerosa geração de «leonardistas». Existem muitos que o seguem, que o copiam na grandeza imperial da eloquência. E, por tôda a parte, se nota, se verifica quanto este pensador vai edificando com a sua sementeira de ideias!...

Uma destas últimas tardes, casualmente, encontrei na livraria Tavares Martins — essa livraria que é, aos fins de tarde, uma amostra da Bertrand, verdadeira tertúlia de intelectuais — o prof. Leonardo Coimbra. Entreti-

nhá-se a ver as últimas novidades literárias. Depois de o cumprimentar, reparei que tinha nas mãos um livro qualquer sobre S. Francisco de Assis. Já estava esmaecida a época em que choveram sobre o mundo, em todos os idiomas, as mais diversas obras sobre êsse monumento de humildade cristã. Contudo, pareceu-me oportuno saber até que ponto o grande filósofo que é Leonardo Coimbra aplaudia a onda religiosa que se espalhava pelo mundo.

Preguntei-lhe:

— Que pensa da regressão religiosa que parece intensificar-se em todo o universo?

Retiramo-nos para um canto da livraria. O autor de *A Luta pela Imortalidade* tinha-se encostado levemente a uma pirâmide de livros. E logo depois, como se desde há muito estivesse preparado para fazer declarações sobre o ponto de vista que eu tinha dissolvido nessa minha pergunta — respondeu-me:

— Parece-me que não há regressão nenhuma. Nos povos, como nos indivíduos há momentos de vida fácil, de vida leviana, em que as riquezas acumuladas permitem viver com facilidade, como há, também, categorias de pensamento e sentimento que conservam todo o seu valor de confiança e dão as normas de conduta, de posição. Há crises que obrigam à análise do valor dessas categorias, como há crises económicas que obrigam a uma nova organização de trabalho. Agora, vejamos: A sociedade moderna acumulava vertiginosamente vitórias materiais, mas sem acompanhar êsses triunfos de uma vigilante atenção para a necessária, indispensável, concentração do espírito. A guerra mundial foi, por exemplo, o ponto singular dessa crise. Desorganizou a economia, maguou os povos, feriu as almas. Tornou-se, pois, indispensável a concentração espiritual, a busca de um equilíbrio perdido. E, se ser religioso é procurar e ocupar o verdadeiro lugar na relação universal dos seres, terá de ser uma atitude religiosa a dos homens e a dos povos que, depois de feridos, sinceramente desejem, procurem, a normalidade do bem.

A atenção de Leonardo Coimbra desvia-se agora para os numerosos livros sobre a Guerra que estão na nossa frente. O filósofo encaminha-se para a convicção de que a melhor obra a escrever sobre a grande hecatombe será o livro que difunda a paz sobre o mundo. É uma opinião que merece destaque para demorados aplausos. Porém, dou novo rumo a êste momento, procuro mais alguns

pontos de vista que obriguem o filósofo-professor que tenho na minha frente a importantes declarações. Falo-lhe sobre Antero e sobre Teixeira de Pascoais:

— Depois de Antero, não admite que seja Teixeira de Pascoais o nosso poeta mais representativo?

— Para mim, nem Antero nem Pascoais, são os épicos das grandes manifestações colectivas da civilização portuguesa. A nossa ampla manifestação colectiva, o nosso brinde à humanidade, está nas descobertas: foi Camões o seu épico. Antero, mesmo à distância que vai daqui à Rússia, como pude comprovar por uma carta de Jorge Petroff, que recebi há dias desse ilustre escritor russo — aparece, sobretudo, como um emotivo filósofico. Nele a emoção é sempre religiosa, isto é, provada, marcada sempre pelo significado espiritual, pelo destino total e último da vida.

— Parece-me que também se encontram essas tendências na obra de Pascoais.

— Sim. Pascoais é, quanto a mim, também um grande poeta do Mistério. É o poeta das sombras, das paisagens de memória e alma, mesmo muito mais do que do encanto simples da vida exterior. Tôda a sua obra são fan-

(Conclui a pág. 39)



OS S.º ANTONIO DO NOSSO POVO



STÁ a celebrar-se no mundo católico o 7.º centenário de Santo António. Morreu há setecentos anos aquele que, para nós, portugueses, foi sempre Santo António de Lisboa, pois nasceu e baptizou-se à sombra da Sé lisbonense, rei-

nando D. Sancho I, aquele que, para os estrangeiros, é Santo António de Pádua, por nesta cidade italiana ter morrido ao cabo de assinalados pensamentos, palavras e obras.

Justamente porque lá fora, nos quatro continentes, o consideram de Pádua, e a própria cidade italiana o tinha por filho legítimo, as festas do centenário iniciaram-se no suntuoso templo paduano de Santa Maria di Cella.

Um dos benefícios colhidos por Portugal na seara promissora das celebrações antoninas, será, por certo, o do regresso do Santo, nos braços do asiático e do europeu, ao berço do seu nascimento—o que nos dará glória e lustre, por se reflectir no nosso país, na nossa família, no nosso sangue o brilho perpétuo dum dos mais luminosos espíritos do século XIII.

Já a revista franciscana de Pádua, *Il Santo*, a que poderei chamar o órgão oficial da Ordem de S. Francisco, reconheceu a Lisboa a legitimidade do filho de benção. E com este órgão hão-de concertar-se outros, se soubermos aproveitar a oportunidade para intervir no pleito, de modo a ser-nos restituído, à face dos do oriente e occidente, um dos maiores valores do nosso património moral e espiritual.

Mas o Santo António que se celebra em Itália e no Sião, no Chile e na Argentina, não é o Santo António que eu conheci em menino e que o povo das nossas terras, de Monsão a Santa Maria, venera e festeja—o camarada enternecido dos pobres e dos inocentes, o jovial patrono dos corações infelizes e dos corações ansiosos por coisas perdidas, alto e risonho, magro e desenvolto, haste de lírio seráfico de que o Menino é botão por abrir.

Não. O santo celebrado nas Sete Partidas apresenta-se aos fiéis no talhe e na expressão

consagrados por Giotto nos frescos de vários templos italianos—baixo e hidrópico, grave e pensativo, em tudo e por tudo ao invés do Santo Antoninho das devoções populares.

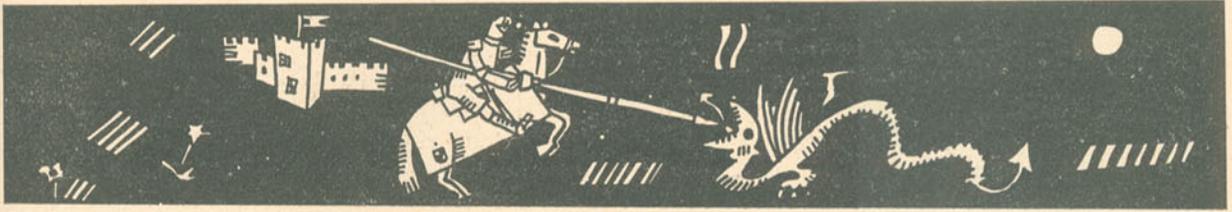
O santo que nesta Primavera floresce, com os dons das suas seivas criadoras, pulpitos e cátedras dos dois hemisférios, ostenta o porte austero dos teólogos e dos místicos. É o místico semeador, em cuja palavra se sente o aço da charrua que rasga o sulco e a chama do sol que fecunda a semente, que da sua ermida de Santo António dos Olivais, em Coimbra, parte para a mourama pronto a lavar e semear a terra dos ímpios contumazes, no afan de dilatar a imensa seara do Senhor—e que, naufragando na Sicília, sobe à Itália, transpõe a Umbria, beija a sandália de S. Francisco de Assis, e se torna a coluna mestra e a lâmpada viva da sua reforma e da sua Ordem. É o teólogo, verbo do sabor e da renúncia, que percorre cidades e vilas adornadas na volúpia do pecado, a voz volvida em sibilante látego, e as flagela e as acorda, e as compõe, o solo, pouco a pouco desbravado de cardos e silvedos, a abrir o seio aos alicerces da comunidade universal dos bons. É o sábio e o teólogo, assombro de pápas, cardiais e bispos, os quais à uma o proclamam a *Arca da Aliança*, o *Santo Depositário das Letras Santas*.

Não é o mesmo, porém, o Santo António conhecido, e louvado, e rezado, nas veigas bucólicas do Minho, nos planaltos daimosos de Trás-os-Montes, nas fartas planuras do Ribatejo, nas floridas hortas do Algarve—embora, de norte a sul, em concordância com as suas altas nobrezas de cavaleiro andante do apostolado, corra a lenda do seu sermão aos peixinhos, espesso cardu-

me afluindo à tona de água a receber o alimento e o calor dessa voz de milagre.

Também não é o Santo António das rudes batalhas, o da guerra da Restauração, vinte e oito anos de lutas contra os espanhóis, o da Guerra Peninsular, sete anos de campanhas contra os franceses, o que o povo invoca e traz no coração—embora este aspecto dos seus muitos poderes em benefício das lusas gentes tenha brotado da alma popular nesses períodos de incerteza nos destinos da Pátria.





A guerra da Restauração, a Guerra Peninsular fizeram de Santo António o nosso S. Jorge, o nosso Santiago—S. Jorge, o jovem príncipe da Capadócia, vencedor do dragão que pretendia devorar a filha do seu rei, pelo que figura nas armas nacionais da Inglaterra, tendo figurado nas da Rússia e Génova; Santiago, padroeiro das armas de Espanha, o guerreiro que sob os balsões de Ramiro I, montado em invencível cavalo branco, desbaratou os mouros de Abderrahman II e decidiu da vitória dos cristãos.

Mas estes foram realmente guerreiros, empunharam a lança e a espada durante a vida terrena, em carne e osso, em corpo e alma. O nosso S. Jorge, o nosso Santiago, bateu-se pelo seu Portugal... quatro séculos transcorridos sobre a era em que deu o corpo à terra e a alma ao Criador.

Intervem na guerra da Restauração no posto de soldado, no 2.º Regimento de Lagos, no Algarve, província das mais sacrificadas pelos terços castelhanos—no modesto posto o investe o alvará de 24 de Janeiro de 1668, firmado por D. Pedro II.

Apenas em 1682 o vemos promovido a capitão:—e isto, segundo o general Foy na *História da Guerra Peninsular*, por ter sido averbada à conta corrente dos seus milagres a derrota dum tróço de castelhanos, muito maior em número do que o tróço de portugueses vencedores, numa sortida por estes levada a termo, de Juromenha subindo a Olivença.

Até os santos, porém, estão sujeitos aos gelados invernos da ingratidão, as flores e os frutos das estações fartas em ansiedades, promessas e dádivas transformados na indiferença, no silêncio e na frialdade dos dias sem cuidados.

Santo António atingiu o posto de capitão, assinada a paz de direito entre Portugal e Espanha—o que não excluía escaramuças de facto como a da sortida de Juromenha a Olivença. Assinada a paz, e consolidada de facto e de direito, ninguém mais se lembrou da carreira militar do taumaturgo. Foi capitão durante todo o longo reinado de D. João V, através de todo o activo reinado de D. José I.

No reinado de D. Maria I, como que na adivinhação de nova guerra, de novas lutas, de novas vicissitudes e da necessidade, outra vez, dos largos favores do padroeiro, conferem-lhe o devido acesso. Mas é preciso que à Rainha recorra neste feito o major de Infantaria de Lagos D. Hercules António Carlos Luís José Maria de Albuquerque e Araujo de Magalhães Homem—um homem, que só como Hercules, e não como homem, aguentava o fardo de tamanho nome. A requerimento de D. Hercules a Rainha promove Santo António a major—vistos e considerados os 59 atestados que instruem o pedido de promoção, à face dos quais se prova que o santo, como soldado, «nunca fôra açoutado, prêso ou punido», e como capitão, em 100 anos, «cumprira todos os deveres de fidalgo e oficial».

Na verdade, D. Hercules e D. Maria I, no seu zelo pelo bom patrono das armas portuguesas, como que previram as próximas futuras hostes e os próximos futuros canhões napoleónicos.

Em 1807 essas hostes e esses canhões talam a nossa terra, o general Junot no comando dos veteranos de mil batalhas ganhas no Egipto e nas Europas. Junot desce ao Algarve. Encontra aquartelado no 2.º Regimento de Lagos o major Santo António—nem lhe toca no posto nem no soldo.

Entretanto, os portugueses, que suportaram na humildade a investida do país pelas legiões napoleónicas, entram a aparelhar e a assentar a máquina da rebelião.

Aos primeiros rebates da vaga latente, o

francês dissolve o Regimento de Lagos—e o santo fica sem unidade.

É neste transe, todo o solo português a crepitar nas labaredas da insurreição, grandes e pequenos excitados pelas violências dos pretorianos gauleses, que novamente chamam o taumaturgo às armas.

Alista-o no seu activo o 19 de Infantaria, então aquartelado em Cascais. E não se limita a enfeitar-lhe nicho de estimação, na sala nobre de comando, para da caserna ou da parada lhe solicitar dádiva ou ajuda. Leva-o à vanguarda dos batalhões, por montes e vales, cavalgando macho possante—por ser da ordem a montada no posto de major. Assim, à testa do seu regimento, encontram-no na batalha do Buçaco, em que as tropas luso-inglesas batem Massena, o *Anjo da Vitória*, depois em Badajoz, em Salamanca, em Valladolid, em Victoria, em S. Sebastian, em tóda essa longa e triunfal jornada que enxota da península as águas de Napoleão.

Por isso D. João VI, por Decreto de 26 de Julho de 1814, o promove a tenente-coronel, com o soldo correspondente, «que lhe será pago na forma das minhas reais ordens».

E no Brasil, imenso laboratório de vida e acção onde a alma portuguesa viceja, floresce e frutifica em tódas as suas crenças e em todos os seus costumes, Santo António, por seus feitos militares, chega a usar galões de coronel—e por último reformam-no em general.

Consta dos autos:—o primeiro presidente da República Brasileira, Deodoro da Fonseca, poucos dias volvidos sobre a investidura na presidência, foi informado por escrito de que Santo António era coronel dum dos seus regimentos. E Deodoro despachou nestes termos, na própria informação:—O coronel António de Pádua vai em quasi três séculos de serviço. Nomeio-o general e ponho-o na reserva».

Evidentemente:—o que significa este apêgo, nos dias de perigo nacional, aos dons milagrosos do padroeiro? Significa que os portugueses da guerra



tom

1931



da Restauração e da guerra Peninsular, como os seus ascendentes e descendentes do Brasil, graduavam a fé na protecção do santo pelo terror das armas inimigas — considerando-o escudo invulnerável contra o perigo dessas armas.

* * *

Mas esta fé no santo guerreiro é exclusiva das horas aflitivas em que se encontra ameaçada a independência da Pátria.

O que o nosso povo venera todo o ano e todos os dias, todos os anos e especialmente uma vez cada ano, a 13 do mês de Junho, nem é o santo teólogo, nem o santo apóstolo, nem o santo general. É um santo feito à sua sua imagem e semelhança, talvez grandemente desfigurado pela lenda, talvez indelévelmente deturpado pela superstição: — o santo amigo, o santo confidente, o santo benfeitor, o santo quasi irmão, o santo pai de todos — a quem com toda a liberdade dirige as mais afoitas petições e de quem espera na maior confiança os mais amplos benefícios. Patrono alegre e generoso, risonho e compadecido, ora o procura para a partilha dos seus folguedos, ora o convoca para o grangeio das suas temporalidades e a concessão de bálsamos para as suas chagas.

Alto e flexível, o Menino ao colo, como que a dizer aos quatro ventos o seu cuidado pelos pequenos, são raros, de norte a sul, os casebres humildes que o não tem por morador. Aqui vemo-lo moldado em barro tóscico, nesse barro primitivo afeiçoado pela mão de rústico criador. Ali depara-se-nos tallado em madeira dócil, a goiva meio cega mal lavrando nas fibras do lenho as linhas expressas da humanidade. E ali é acolá, em registos ingénuos nas paredes, ou em estampas de bizarro colorido, Santo António ocupa invariavelmente o lugar prescrito aos chefes, aos patriarcas.

* * *

Não admira, portanto, que todos na família, e na casa, e no povoado se confiem aos seus favores — ou andem sobre as águas do mar, ou lavrem a terra, ou tratem do officio.

É a namorada infeliz a acender a occultas a sua vela de cera, a pôr-lhe a jarrinha das sardinheiras ao flanco do casamenteiro — e a implorar-lhe o remédio sabido em suspiradas trezenas, para as dores do coração, as mais custosas de quantas dores andam pelo mundo.

É o encarcerado inocente, na escura e gelada desolação da enxovia, a invocar o nome e o patrocínio do advogado, na esperança de ver de súbito alumiada a justiça dos julgadores e abertas as portas da prisão — sem dúvida lembrado daquele passo lendário da sua vida que no-lo mostra a prègar, em certo dia, numa igreja de Pádua, onde em espirito recebe a comunicação providencial de que lhe

levam à fôrça, acusado de assassino, o pai inocente. O miraculoso advogado pede ao auditório três Avé-Marias. E no sópro ligeiro das três Avé-Marias, vem a Lisboa, advoga a causa do pai, restitui-o à liberdade, e volta a Pádua a concluir o sermão.

É o homem do negócio, o que explora loja de mercearia na Praça, o que no Largo mantém o comércio dos vestidos e calçados, com o nicho e o vulto do bom comercialista ao alto da teia bem armada e bem urdida — para que o freguez seja a mosca dócil, não o bicho daninho, negando-se a satisfazer a conta, para que o joio não entre no arroz ou a traça na lã, e letra vencida seja por todo o sempre letra paga.

É a povoação sob o flagelo de malina, ou epidemia, devastando os animais domésticos, com mais freqüência os suínos, que ao entendido alveitar se apega, na súplica da mãezinha de virtude — pelo que, em serranas povoações de Trás-os-Montes, um por todos os naturais, em cada ano, compra o porco consagrado a Santo António. Esse porco, chamado mesmo de Santo António, tem o privilégio de percorrer o povoado, todos os dias, de campanha ao pescoço, de casa em casa, sendo alimentado pela comunidade dos moradores e vendido em almoeda no dia das festas ao Taumaturgo — em proveito do maior brilho do seu culto e na esperança dos seus melhores benefícios.

É a região agrícola sob a invasão dos mil inimigos alados, ou invisíveis, da cepa e castanheiro, do batatal e oliveira, correndo ao infalível agrônomo na expectativa da misericórdia salvadora — para que a cèpa dê cachos fartos como os de Canaan; para que o castanheiro e o batatal sobejem no canço e encham a tulha; para que a oliveira adube o caldo, e seja a luz nocturna do trabalho e das graças a Deus.

Assim, no termo de S. João da Pesqueira, no Alto Douro, viceja à beira dum caminho oliveira em época remota de doença nos olivais consagrada ao Doutor de tantos saberes. Todos a conhecem, desde êsses longes imemoriais, pela oliveira de Santo António; todos creem que é a única oliveira dos sítios isenta da preguiça das árvores *aneiras* — pois esta enflora e frutifica, por igual, em todas as estações; e ninguém, mendigo sem taleiga ou amigo do alheio, se atreve a erguer do

chão azeitona caída dos seus ramos. Essa azeitona, a do ar e do chão, a seu tempo levada ao moinho, transforma-se no azeite votivo que noite e dia vela pela misericórdia do santo no altar da matriz.

É são ainda as pessoas que perderam isto ou aquilo, as que receiam e as que sofrem, que a Santo António e ao seu poder recorrem dia a dia.

* * *

Tudo isto está escrito e taxativamente expresso no responso que o povo lhe reza nas horas doloridas de súplica — e que há-de ser declinado sem troca de palavra para ser ouvido:

*Quem milagres quer achar
Contra os males e o demónio
Corra logo a Santo António,
Que aí os há-de encontrar.
Aplaca a fúria do mar,
Tira os prèsos da prisão,
O doente torna são,
O perdido faz achar.
Sem lhe respeitar os anos,
Socorre a qualquer idade.
Abonam esta verdade,
Os cidadãos paduanos.*

Padre Nosso. Avé Maria. Glória Pátria.

E daí, da soma prodigiosa dessas parcelas de maravilha, da vastidão de poderes que a crença popular lhe atribui, a aura de que o santo gosa no concerto das sete províncias — aura acrescida, e colorida, e iluminada, pelo ar sociável e folgazão que a mesma crença lhe atribui, pondo o taumaturgo a brincar com as raparigas nas fontes, a quebrar-lhes e a concertar-lhes as bilhas da água, consagrando-lhe lóas, descantes e bailados em que o toma por companheiro e camarada.

Esta expressão do culto antonino torna o alto varão da Igreja menos místico e mais profano?

Não o nego. Mas despejem de todos êsses nichos e altares serranos o Santo Antoninho alto e donairoso, nado e criado à luz viva do sentimento popular, e instalem no lugar dèle o Santo António verdadeiro, o gordo e rude Santo António dos frescos de Giotto; expulsem da alma dos simples, como roseira bravia arrancada da seiva, e do sol, e da chuva da terra mãe para o ambiente artificial duma estufa.



OS GRANDES PAIZES MODERNOS

O ENSINO O

NA TCHE-
COSLO-
VAQUIA

Os princípios do desenvolvimento do ensino no território da Tchecoslováquia actual encontram-se na Idade-média. Praga é, desde 1348, a sede duma Universidade que foi a primeira ao norte dos Alpes e a leste da França. O grande reformador do ensino Jan Amos Komensky era tcheco. Não é por isso de admirar que na Europa Central a instrução tenha penetrado rapidamente em tôdas as classes da população.

A frequência escolar obrigatória foi insti-



Um liceu em Hradec Kralové



Bairro Universitário «Massaryk» em Praga, para estudantes homens

Escolas primárias superiores :

Tchecoslovacas	1.256 com	233.187 alunos
Rutenas	11 »	2.033 »
Alemãs	433 »	66.965 »
Magiares	17 »	2.235 »
Polacas	8 »	1.416 »
Número total das escolas primárias	14.158	1.403.823 »
Número total das escolas primárias superiores	1.736	310.010 »

Das 33.560 pessoas do corpo docente das escolas primárias, contam-se 36 % de mulheres, e das 9.327 pessoas do corpo docente das escolas primárias superiores, 31 %.

Existem também escolas especiais para as crianças anormais que são : 19 para surdos mudos, 15 para cegos, 12 para estropiados e

tuida em 1869 pela Austria. A Bohémia, a Morávia e a Silésia eram, na antiga monarquia, os países onde existiam menos analfabetos — apenas 3 %.

Um dos primeiros cuidados do novo Estado tchecoslovaco foi o de desenvolver o ensino na Slováquia e na Rússia subcarpática, onde sob o antigo regime húngaro o número de analfabetos era bastante grande e onde existiam somente escolas húngaras, com algumas excepções.

A estatística do ano de 1926 mostra a grande diversidade das escolas sob o ponto de vista da língua do ensino :

Escolas primárias :

Tchecoslovacas	9.419 com	622.901 alunos
Rutenas	484 »	62.854 »
Alemãs	3.287 »	295.551 »
Magiares	794 »	91.367 »
Polacas	87 »	10.407 »
Romenas	2 »	296 »
Hebraicas	9 »	613 »
Combinadas	76 »	19.834 »



Instituto Histológico e Embriológico de Praga

escrofulosos, 23 para anormais sob o ponto de vista moral e 19 para anormais sob o ponto de vista intelectual.

As escolas secundárias na Tchecoslováquia são os gymnásios, com um curso de 8 anos, e as escolas reais, com um curso de 7 anos.

Os gymnásios tem os tipos seguintes :

1.º — Gymnásio clássico, com o latim desde a primeira classe e grego desde a quinta ;

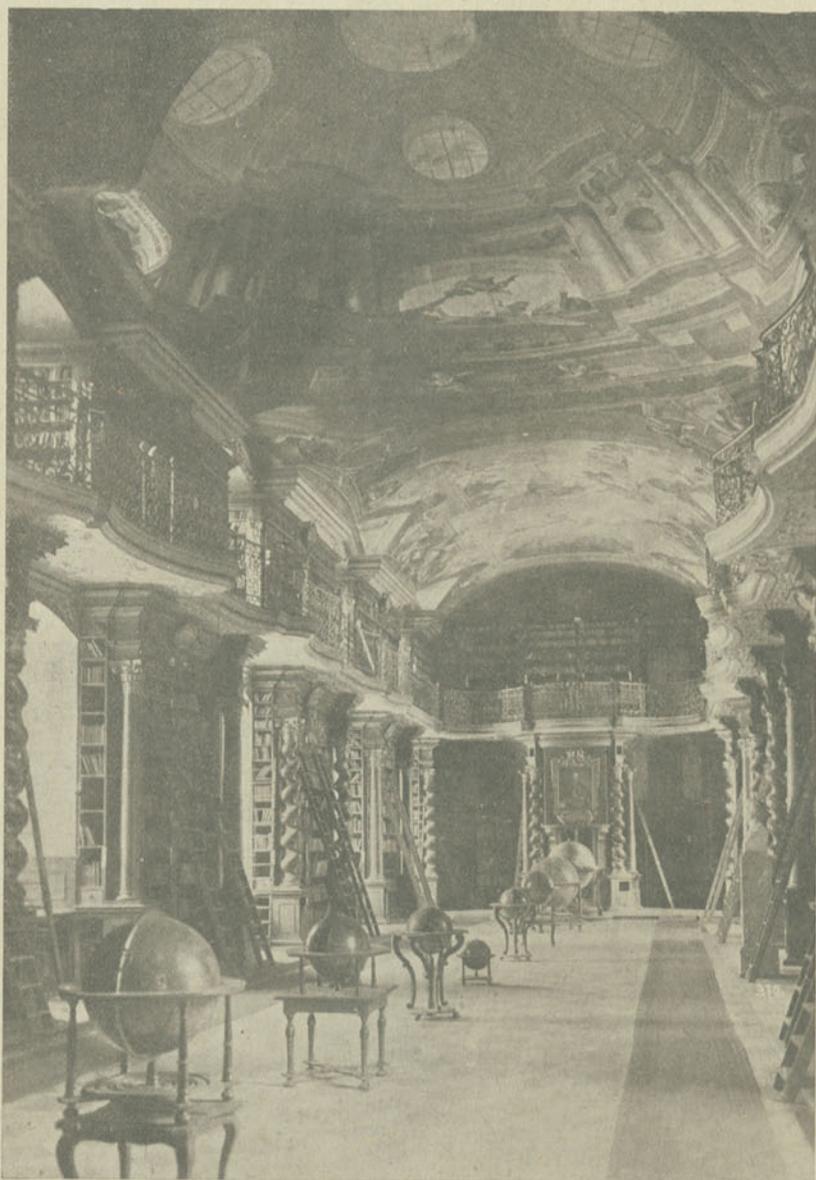
2.º — Gymnásio real, com francês ou inglês a partir da quinta classe ;

3.º — Gymnásio real reformado, com latim a partir da quinta e uma língua moderna a partir da sétima classe.

As escolas reais são consagradas exclusivamente ao ensino técnico e aos estudos das línguas modernas ; ensina-se nelas o francês ou inglês desde a segunda classe. Nas escolas secundárias que tem como língua de ensino o tcheco e a língua alemã obrigatória a partir da primeira classe ; nas escolas secundárias que tem uma e outra língua de ensino e a língua tcheca obrigatória.



Biblioteca municipal de Praga — Sala de leitura para crianças



Biblioteca da Universidade de Praga

Existem gymnásios reais, gymnásios reais reformados e escolas reais, para raparigas. Contudo estas podem estudar nas escolas masculinas como os rapazes nas femininas. A proporção entre o número de alunos do sexo feminino e o de alunos do sexo masculino é a de 25 para 100.

É grande a frequência dos estudos secundários na Tchecoslováquia : um aluno por 125 habitantes. Mais de metade dos estudantes dos cursos secundários são isentos do pagamento de propinas.

Segundo a estatística do ano escolar de 1925-26 há na Tchecoslováquia 37 gymnásios clássicos, 114 gymnásios reais, 67 gymnásios reais reformados e 69 escolas reais, com 102.912 alunos, assim divididos quanto a língua de ensino :

198 Escolas secundárias, tendo por língua de ensino o tcheco, com	73.862 alunos
4 Escolas secundárias, tendo o russo por língua de ensino, com	1.594 »
81 Escolas secundárias, tendo o alemão por língua de ensino, com	23.426 »
13 Escolas secundárias, tendo o magiar por língua de ensino, com	3.618 »
1 Escola de ensino, com	412 »

Os professores primários superiores, secundários e técnicos formam-se em escolas normais, de que existem 65, de vários tipos.

O ensino profissional está muito desenvolvido, diferenciando-se em três ramos : industrial, comercial e agrícola.

As escolas industriais do Estado compreendem quatro classes com algumas das seguintes secções : máquinas electrotécnicas, construção, química, textil, minas e mecânica de precisão.

São 32 : 22 tchecoslovacas, 9 alemãs e 1 magiaro-tchecoslovacas, com 17.770 alunos, dos quais 910 raparigas, além da escola de artes industriais de Praga.

Mas ademais destas há as escolas profissionais no sentido estrito da palavra, das quais existem 23 para a indústria textil, 9 tchecas e 14 alemãs, 12 para trabalhos em madeira, 6 tchecas, 2 russas, 3 alemãs e 1 mixta, 5 para trabalhos em metais e 79 para as

indústrias de cerâmica, vidro, couro, ourivesaria, etc., etc., e 110 escolas, 78 tchecoslovacas, 1 russa, 27 alemãs e 4 mixtas, com 28.000 alunas, para as profissões femininas.

O total das escolas profissionais de carácter industrial eleva-se assim a 261, com 57.797 alunos, dos quais 32.207 raparigas.

E a estas escolas junta-se ainda o sistema complexo dos cursos complementares profissionais para aprendizes, em número de 1863, com 169.220 alunos, dos quais 30.565 do sexo feminino.

No ensino comercial há 136 cursos complementares, com 12.287 alunos, 2.378 raparigas, e 167 escolas regulares, com 27.305 alunos. Estas escolas comerciais regulares são de três tipos: as academias de comércio com um curso de quatro anos, equiparadas às escolas secundárias; as escolas públicas de comércio, com um curso de dois anos; e as escolas comerciais, com um curso de um ano.

No ensino agrícola contam-se quinze escolas superiores, 31 cursos de agricultura e 121 escolas especiais que funcionam só nos meses de inverno, uma escola superior em Praga para os melhores alunos saídos das escolas superiores de agricultura, duas escolas superiores de agricultura, duas escolas superiores de pomologia e viticultura, oito outras escolas de pomologia e viticultura, escolas para a cultura dos prados, escolas de leitaria, de pesca, etc., onze escolas e cursos florestais, quarenta escolas de vários tipos para raparigas, etc.

As escolas de agricultura, que são 248, agrupam 9.022 alunos, dos quais 1.518 raparigas.

Os cursos populares de agricultura, criados em 1920, eram, já em 1926-928, com 40.000 alunos, sendo hoje muitos mais.

O ensino superior é ministrado em quatro Universidades, as tchecoslovacas de Praga, Brno e Bratislava e a alemã de Praga, quatro escolas de ensino superior técnico, duas tchecas e duas alemãs, em Praga e Brno, e nove escolas superiores ou faculdades independentes, duas faculdades de teologia, a escola superior de agricultura, a escola veterinária, a escola de minas, a academia de artes plásticas e três escolas para os emigrantes russos e ucranianos.

O Conservatório nacional de Praga, artes



A velha Universidade de Praga fundada em 1348



Biblioteca municipal — Sala de leitura de jornais

musical e dramática, fundado em 1811, é um dos mais antigos e de maior nomeada da Europa. Mas além d'êste há um novo Conservatório em Brno e a Academia Alemã de música e de arte dramática em Praga.

Pertencem também ao ensino superior a Escola Superior de Previdência Social, a Escola Nacional de Etnografia, as duas escolas de altos estudos pedagógicos de Praga e de Brno, a Escola Nacional dos Bibliotecários e o Instituto Francês de Praga, além da Escola Superior de Comércio anexa ao Ensino técnico Superior.

Os seminários de teologia são 25.

Os estabelecimentos de ensino superior contavam, em 1926, 28.997 estudantes, 2.888 do sexo feminino, 1/3 dos quais eram estrangeiros.

As Universidades tchecoslovacas completas têm cinco faculdades: teologia, direito, medicina, filosofia e ciências naturais.

Tenha-se em conta que a população da Tchecoslováquia é só de 13.600.000 habitantes.

MODAS

ENTRADOS OS PRIMEIROS DIAS DE CALOR E SOL, ARDENTE, ACENTUA-SE O VAPOROSO DAS TOILETTES FEMININAS QUE A LINHA DA MODA, COMPLICADA, FRUFRUANTE, FAVORECE SINGULARMENTE. COM AS BELAS E FRESCAS CORES CLARAS, RUTILAS, VEEM OS TULES E OS CREPES ROÇAGANTES OU ALADOS, AS GRANDES CAPELINAS, OS FICHUS RENDEADOS, OS BORDADOS E AS TRANSPARENCIAS EMOLDURANDO SUGESTIVAMENTE AS FRESCAS BELEZAS, OS LINDOS ROSTOS EMERGINDO DA FLORESTA SEDOSA DOS LOIROS OU NEGROS CABELOS TODOS EM BOUCLES DELICIOSOS, COMO VEMOS NA FOTO ABAIXO, OBTIDA POR BRUNO WINTERFELD



UMA DAS GRANDES CASAS QUE, EMBORA COM SEDE NA ALEMANHA, DÁ LEIS EM PARIS NA CRIAÇÃO DE MODELOS É A CASA HALPERIN, DE BERLIM. EIS UM FORMOSO MODELO, CRIAÇÃO SUA E VESTIDO PELA GRACIOSA ACTRIZ FRI. VERDI. VESTIDO DE NOITE EM RENDAS NEGRAS BORDADAS A MATIZ, COM UMA CAPA CURTA COM RUCHE NO OMBRO E ÉCHARPE EM CREPE DA CHINA ESTAMPADO COM FLORES RUTILAS QUE SERVIRAM DE MODELO AO BORDADO DO VESTIDO.

(Foto Bruno Winterfeld)



EM BAIXO — UM DELICIOSO MODELO DE PENI-BARUCH, VESTIDO PELA LINDA FRL. VERDI, A GRACIOSA ARTISTA DE VARIEDADES. TOILETTE SEM MANGAS, DE CORPO COLLANT, GRANDE LAÇO ATRÁS NO MESMO GLACÉ DO VESTIDO, SAIA COMPRIDA, EM GODETS ORNADOS DE FRANZIDOS DO MESMO TECIDO. MALA COM GRANDE RAMO DE FLÓRES AINDA NO MESMO GLACÉ, QUE DEVE SER NEGRO OU TÊTE NEGRE OU AINDA VERDE-GARRAFA. CAPELINA DE TAGAL DA MESMA CÔR DO VESTIDO.

(Foto Bruno Winterfeld)



A CASA ASSI OLM VESTIU A LINDA STAR DE CINEMA OLIVIA FRIED, DA MANEIRA DELICIOSA E GRACIL, QUE A FOTO ACIMA INDICA. VESTIDO SEM MANGAS, DE POPELINE DE SEDA ESCOCESA, FUNDO BRANCO COM RISCAS E TRAÇOS LARANJA, NEGRO E VERDE, CORTE SINGULAR QUE NA FOTO SE VÊ PERFEITAMENTE. SAIA SAINDO DE UM EMPIÈCEMENT E TODA EM PREGAS ESTREITAS. CAPELINE NEGRA, COPA DE VELUDO E ABA EM PALHA GROSSA ENVERNIZADA

(Fotos Bruno Winterfeld, transmitidas por Orrios)

DE
PARIS



Não é tão facil ingressar

- - - nos stúdios como parece - - -

Os irmãos, irmãs e demais membros da família dos «astros» ou «estrelas» ou directores cinematográficos, não tem muitas possibilidades de sucesso. Pelo contrário, a sombra do seu famoso parente atravessa-se-lhe sempre no caminho, e quando um deles obtem algum triunfo na sua carreira, ouve-se imediatamente este comentário:

— Ah, é o irmão de Fulano ou o primo de Sicrano!

Por essa razão, quando o irmão de um famoso luminar cinematográfico logra abrir caminho nos studios, pode-se estar certo de que se trata de uma pessoa verdadeiramente excepcional.

Douglas Shearer, o irmão de Norma, é uma destas excepções. Sem dúvida, que o público tem visto o nome dêle na tela, à frente de cada filme importante da Metro. Dentre os nomes dos que colaboram na produção e logo em seguida as palavras «Gravação do som por...», destaca-se o nome de Douglas Shearer. Shearer é o engenheiro em chefe dêsse serviço nos studios da Metro.

Este jôvem foi educado na Universidade de Mc. Gill, no Canadá, e obteve um emprêgo como engenheiro electricista em Los Angeles, onde queria viver perto de sua mãe e irmã. Norma queria arranjar trabalho para êle como actor, mas Douglas, ainda que dotado de uma personalidade atraente, nunca se julgou capaz de obter sucesso na qualidade de actor.

Um certo dia Al Jolson appareceu em *The Singing Fool*, iniciando uma nova era na história do cinema. A possibili-

EM BAIXO — William Haines o querido actor americano e o seu melhor amigo, o cão Dave, que pertence ao director Jack Conway



Joan Marsh com um modelo de 'maillot' para este verão



dade de produzir filmes sonoros e totalmente falados converteu-se em assunto geral da conversação em Hollywood. Douglas, na sua qualidade de engenheiro electricista, interessou-se naturalmente por esta nova invenção e resolveu estudar acústica na Universidade de Stanford, durante as noites em que dispunha de algumas horas de vagar. Propunha-se assim ganhar a dianteira se o cinema viesse a adoptar o som. Certamente Shearer lembrava-se de que a metade das grandes fortunas feitas no cinema tinham sido fundadas nos dias em que os filmes mudos se pareciam muito com as ingénuas projecções da lanterna mágica.

Quando os *studios* da Metro começaram a construir scenários sonoros e adquirir aparelhos acústicos, a dificuldade que encontraram foi de não haver entre o pessoal técnico quem estivesse familiarizado com esta qualidade de trabalho. Foi nesta ocasião que Douglas Shearer entrou em scena nos *studios*, oferecendo os seus serviços. Quando souberam que ele, além de ser um perito engenheiro electricista, tinha estudado acústica, ficou encarregado da construção e instalação de equipamento sonoro nos *studios*.

Uma companhia cinematográfica, contudo, não pode estar construindo scenários sonoros e instalando aparelhos acústicos por tempo indeterminado. Depois de terminar a instalação dos aparelhos sonoros parecia que Douglas nada mais tinha a fazer nos *studios* e que lhe restava apenas voltar à sua antiga posição de engenheiro-electricista. Entretanto, não era coisa tão fácil deslocar uma pessoa que havia trabalhado tão enérgicamente nesse novo campo de acção.

Terminadas as instalações, Shearer pediu que lhe dessem um emprêgo nos *studios* como engenheiro gravador do som, o que lhe foi concedido de boa vontade. Desde então o jóvem entregou-se ao seu trabalho com tóda a energia que o caracteriza, tomando a seu cargo a gravação sonora de muitos dos primeiros filmes falados, entre elles *The Broadway Melody*. As noites e durante o fim da semana, quando os seus companheiros iam dansar no *Brown Derby* ou nadar na praia de Malibu, Shearer ficava fazendo experiências a fim de descobrir os inúmeros problemas que, com a adopção do som, haviam vindo limitar a técnica cinematográfica.

Foi Shearer quem inventou um engenhoso aparelho para tornar silencioso o motor da máquina cinematográfica. Também contribuiu com suas ideias técnicas para vários aperfeiçoamentos na iluminação, gravação do som e transporte

dos microfones de um lado para outro para scenas especiais.

Este trabalho extra, em parte, fez com que a atenção dos directores cinematográficos se voltasse novamente para a sua pessoa, e quando se resolveu pôr um engenheiro à frente do departamento de acústica, o nome de Douglas Shearer foi o primeiro a ser sugerido.

Actualmente, em lugar de ter a seu cargo a gravação sonora de um determinado filme, Douglas Shearer tem exclusivamente a seu

cargo a gravação sonora de tódas as películas nos *studios* da Metro. O seu escritório é instalado numa sala que não deixa penetrar nenhum barulho. A sua escrivaninha está munida de dezenas de botões e interruptores eléctricos. Basta apertar um destes botões para que comunique com qualquer scenário sonoro e fique sciente do trabalho que ali estão fazendo. Se o diálogo ou o som não está sendo registrado correctamente, Douglas é quem tem que procurar a causa e dar a solução.



Um dos mais belos retratos da fascinante Joan Crawford, vestindo um original e perturbante *plajama* de veludo branco, sua ousada criação

PAGINAS
DE
ARTE
DA
ILUSTRACÃO



AURELIANO
CARNEIRO
VIANA DO CASTELO

COSTUMES MINHOTOS

LAVRADEIRAS DE SANTA MARTA
(VIANA) ESPADELANDO, FIANDO
E DOBANDO O LINHO

O labor novelístico e poético de Maria Enriqueta

— — —

A ilustre escritora mexicana e as suas notáveis obras "El Secreto," e "Album Sentimental,"

— — —

A vida é um manancial perene de sensações variadas, contidas dentro de limites que atingem o imaterial, numa escalada infinitamente grande para o desconhecido horizonte do universo.

Dentro da vida há o espectáculo das pequenas paixões e a há a beleza das aspirações da alma.

O homem refugia-se, nas suas horas de luta e de ansiedade, no âmago do seu espírito. Procura o prémio do seu sacrifício—do sacrifício da sua razão.

O amor regenera a humanidade e esta anseia o seu resgate. Nas scenas do «juízo final» dos tímpanos das fachadas occidentais de Notre Dame de Paris e outras grandes catedrais francesas, rainhas de arte gótica—excelsas rainhas,—surge o arcanjo S. Miguel, segurando uma balança, na qual as almas são pesadas, entrando umas figuras no rubro reino de Leviatan e procurando outras o céu.

A poesia é qual outro céu que prolonga o viver humano e lhe dá a consolação de que além da morte a vida renasce. A força da poesia é insuperável.

Glorifiquemos a poesia que canta o amor, mas não a febre dum amor material. Glorifiquemos Petrarca, Camões e Shakespeare—poetas máximos de todos os tempos.

* *

Honra da literatura feminina mexicana e seu mais alto expoente, Maria Enriqueta, a notável escritora Maria Enriqueta Camarillo y Roa de Pereyra, é uma afamada novelista e poetisa da América Latina. Os seus versos andam a par das suas novelas. A delicadeza terna das rimas iguala a branda contextura da sua prosa.

Em Maria Enriqueta, a novela é um género literário de elevado alcance psicológico, reduz-se a um estudo introspectivo, converte-se, logicamente, numa análise íntima e definida.

El Secreto é a grande novela de tão astuta observadora da vida, nos mais detalhados tra-



*Para la hermosa revista Ilustração.
Maria Enriqueta.*

Madrid,

gos, no que interessa à sua maneira de ver e apreciar as coisas humanas, sem descer do nível da verdade espiritual.

Dará a volta ao mundo *El Secreto*. Tem já uma tradução francesa, na importante coleção parisiense *Les Cahiers Feminins*, destinada a dar a conhecer as obras femininas, não feministas. Facto êste de muito relêvo, sem dúvida, porquanto é a primeira vez que uma obra literária mexicana merece as honras de tradução, em França. Foi Abel Fevret, da Biblioteca Nacional de Paris e vice-presidente do *comité de Les Cahiers*, quem muito se interessou porque se fizesse tal versão, entregue a Agata Valery, filha do grande poeta francês. E, quanto à língua portuguesa, aguarda a obra de Maria Henriqueta o momento de ser difundida, como merece, em cuidadas traduções, feitas por quem de direito.

* * *

Natural de Coatepec, a ilustre escritora terá um monumento por subscrição pública, sendo a estátua em bronze, da autoria do afamado escultor espanhol Vítório Macho. Eri-
girá-se há o monumento naquela cidade, sob os auspícios do alcaide local.

Um livro seu, *Rosas de la infancia*, em seis tomos, é obra de texto nas escolas da República do México. Homenagem de apreço constituiu a inauguração de uma lápide na casa em que nasceu a poetisa, a qual foi nomeada pelo respectivo *Ayuntamiento*, «hija predilecta de Coatepec». E, ainda, duas bibliotecas públicas mexicanas têm, desde há algum tempo, o seu nome, o mesmo sucedendo à aula duma escola nacional.

Maria Henriqueta recebe as valiosas homenagens da sua verdadeira Pátria — o México — e da sua Pátria adoptiva — Espanha. Têm-nas por direito de conquista.

Se a ilustre prosadora de *El Secreto* é «por poucas novelistas igualada, superada por nenhuma», na opinião confiada do conde de Dona Marina, em artigo da *Raza Española*, de Madrid, também certo é que (tenhamos presente a frase do escritor Rivas Cherif) «préside las gráciles musas».

Novelista e poetisa, Maria Henriqueta escreve com a dócil fluência duma alma altamente inspirada — duma alma que vive pela paixão das coisas espirituais. As suas novelas são rios transbordantes de limos, torrentes de ideias generosas e de sentimentos abençoados. Os seus versos são estrélas que luzem com a intensidade de novos sóis.

* * *

A vara de Moisés fêz brotar, engenhosamente, da pedra dura, a límpida água que os sequiosos requeriam. A vara de Maria Henriqueta tem um outro engenho, um poder diferente: — o de derramar essentia não menos límpida linfa que dessedenta os espíritos, ambicionados em conhecer o segrêdo das mais líricas sinfonias.

Na sua obra, já ampla e multiforme, estende-se uma galeria de novelas, que vão desde o *Mirliton* até à magnífica *Arca de colores*, através de *Jirón de mundo*, *Sorpresas de la vida*, *Entre el polvo de un castillo*, *El misterio de su muerte*, *Enigma y símbolo* e *Lo irremediable*. Na poesia vivem os apaixonados

dos poemas de *Rumores de mi huerto* e *Rincones románticos*.

Mas, os últimos poemas de Maria Henriqueta estão coligidos num delicado e subtil álbum — *Album sentimental*, completando, com desenhos da sua autoria, os pensamentos expressos nas estrofes. A capa constitui uma elegia nostálgica: — árvores esguias em verde-concentrado, água que se levanta, em repuxo, dum lago, cisnes que reflectem a sua plumagem na superfície líquida, um ambiente que serve de apropriado átrio de entrada nos doirados e nobres paços do *Album*. Entramos. E à nossa volta, de pronto, esvoaçam aladas figurinhas de sonho, mágicas Tanagras arrancadas aos túmulos gregos. Reina a tristeza, palpita o sofrimento, a melancolia domina, como nas sextilhas simples do *Ven a mí*:

*Arrasto-me, sem destino,
Em estrada sem igual;
Não oíço tocar o sino
Ó minha terra natal,
diz a êste peregrino
Onde irá êle, afinal.
Mal preguntel, ofegante,
O meu caminho, cal.
Ninguém me disse: Adiante!
Mas, uma voz eu ouvi.
Era a terra: — Caminhante
Levanta-te, vem para aqui.*

Nesse véu de misteriosa melancolia se envolvem tôdas as composições, umas pequenas, bem *mignonnes*, que valem como rezas feitas num altar outras, mais longas, que têm o sópro augusto de cantares litúrgicos: *Aspiración sencilla, Optica, Dadrvas, Cuadro, Ruego, Lección, Marmol y carne, Tragedia breve, Cuando parte el amor, Dialogando, Tesoros, Fuego y nieve, Vendetta, Cruel interrogatorio, Ofrenda, Lejano recuerdo, Puedes morir, corazón, Paisage, Señas claras, El rio, Ante un retrato, Devoción fraternal, Triste amor y mar gris, Dicha fugitiva, Gota amarga, Porfía, Mistério, Fugaz, En el otono gris, Dos orgullos, Una voz me responde, Nitida flor, Relampago, Mira, amico mio, Mientras llueve, Amargo consuelo, Invitacion, Entra, hermana, Para unos labios, Por la senda, La canción de una madre, Mi jardín, Canciones y coplas, Bruzas, Sursum corda!, Impera el silencio e Poema claroescuro*, sendo, na verdade, vários poemas nada mais do que manchas de claro-escuro, impressões de luz e sombra, docemente esbatida.

*Puedes morir, corazón,
hoy que por fin ya viviste;
amaste ya e ya sufriste:
¡has cumplido tu misión!*

É conveniente destacar a significativa frase do conhecido escritor Alberto Lopez Arguello, no *Boletín de la Biblioteca Menendez y Pelayo*, de Santander: «Su esplendido triunfo sobre las rebeldias de la forma es una de las notas características de la poesía de Maria Henriqueta».

* * *

Poetisa do amor, há quem lhe chame também «embaixadora intelectual do México em Espanha». E assim é na verdade, sempre trabalhando, sempre produzindo, como uma obreira confiante na sua acção, no seu esforço e nas suas possibilidades.

Maria Henriqueta foge aos caprichos de certa poesia moderna, rompe a sua rota por entre escolhos e barreiras, procura a emoção humana, lembrando-se da frase da *Arte poética* de Horácio, o velho lírico de Roma: — «Se quiseres fazer chorar, autor, há-de primeiro chorar».

Afirmou Vitor Hugo que a mulher é o coração e o homem é o cérebro. Maria Henriqueta é uma mulher com coração e com cérebro: sente e pensa, pensa e sente. Desenha com mestria os quadros das existências sofredoras, E, empunhando a lira, à maneira dos cantores antigos, o tecido musical prontamente surge, em absoluto. Verseja com requintada intenção dramática, e os seus poemas são hinos à dôr e ao sofrimento.

Maria Henriqueta, além de ter publicado as suas obras originaes, verteu alguns livros franceses para o idioma espanhol: *La mujer y el amor en la literatura francesa, El teatro clásico francés, Los cantores de la Naturaleza e Los grandes vestigios de la revolucion francesa* (Sainte Beuve), dois tomos do *Diário íntimo de Amiel e La Biblioteca de mi tio*, de Toepfer.

* * *

Olhos grandes, iluminados e sonhadores, e corpo pequeno, vem-nos à mente a frase italiana epicola come una gemma, grande come un destino.

O diadema de tão notável espírito faz irradiar luz viva em todos os pontos onde haja, pelo menos, meia dúzia de pessoas que saibam trabalhar, agir, evolucionar, substituir a treva pela luz.

Já, algures, sôbre a actividade literária de Maria Henriqueta, salientei quão indestrutível é a minha admiração.

Na ilha de Cuba, o escritor Luis Carmona então louvores à eminente mexicana:

*doset ofrece a la pagana Flora;
y al contemplarlo, sabiamente afine
su lira de cristal Maria Henriqueta...*

Quer cultivando a prosa, em curtas novelas ou novelas longas, como nas encantadoras páginas de *La biblioteca*, quer compondo versos, em poemas que são maravilhas de arte, Maria Henriqueta conquistou simpatias nos dois hemisférios. É uma escritora essencialmente europeia, no que respeita ao espírito e ao cérebro, mas o seu coração é o duma mexicana, que sente a vida moderna, mas moderada nos seus efeitos e na sua finalidade.

Encontro nos livros de Maria Henriqueta um prodigioso somatório de energias. Lendo-os, vêjo retratada a imagem da autora, austera nos seus conceitos, invulgar na sua maneira de escrever, que prende e interessa pela singeleza dos períodos e pela flexibilidade do léxico.

MOTODES

O "RAID" BERLIM - LISBOA - BERLIM

Mais pròpriamente deveremos designá-lo por *raid* Berlim-Cacilhas-Berlim. Lisboa (ou seja Cacilhas), marca neste *raid* o seu limite extremo. Depois de Lisboa, o regresso.

Assim teve Lisboa um lugar predominante, que nos leva a considerar este *raid* como o maior acontecimento automobilístico da nossa terra. Pena foi que esta nossa terra esteja ainda tão falta de recursos, que nos levasse a imobilisar mais de um cento de automó-

veis, vindos dum grande centro e passando por quási tôda a Europa, em *Cacilhas!*

Não teve Lisboa a passagem triunfal dos concorrentes do maior *raid* automobilista até hoje realizado na Europa. Teve-a Cacilhas; nas suas reles tabernas se dessentaram os concorrentes.

A ponte está em projecto, em muitos projectos, mesmo.

E para a travessia do Tejo não chegavam todos os nossos vaporsitos e botes cacilheiros.

Glória a Cacilhas, pois!

DOS ESTADOS UNIDOS

A produção dos automóveis em 1931 pro-

A produção dos veículos automóveis de tôda a espécie, foi, no primeiro trimestre do corrente ano, de 695.050 unidades. São algarismos animadores e que demonstram que a grave crise económica de 1930 vai diminuindo de intensidade.

O mês de menor produção em 1930, foi Novembro, ou seja, 141.159 unidades. Os dois meses de Janeiro e Fevereiro do ano actual, foram, respectivamente, de 178.399 e 229.768. Tal produção subiu ainda em Março, sendo de 286.883, a maior dos últimos dez meses, ultrapassando o dôbro da cifra de Novembro.

Não há ainda estatística de Abril, mas, cálculos aproximados, dão para este mês a produção de 330.000 a 350.000 unidades.



A XXII Targa Florio. O vencedor, Nuvolari, atravessando uma aldeia da Sicília



Uma inovação alemã, o «passoio de segurança». A gravura mostra um automóvel entrando no «passoio», para verificação do alinhamento das rodas, eficácia dos travões, etc.

Para a produção do primeiro trimestre deste ano, Ford contribuiu com 239.326 veículos automóveis.

No passado mês de Abril saiu das grandes fábricas Ford, o automóvel que veio completar o número de vinte milhões. Vinte milhões de automóveis produzidos sob a direcção de Henry Ford!

Segundo as informações financeiras de que é possível dispôr, os lucros da Companhia Ford, em 1930, foram de 44.460.823 dollars, perto de 980.000 mil contos da nossa moeda! Note-se que à verba acima foram já descontados os dividendos dos accionistas. Os quais accionistas se limitam a três pessoas: Henry Ford, madame Ford e Edsel Ford.

As assembleias gerais da Companhia Ford não primam pela concorrência de accionistas nem pela animação.

O ÓLEO E A DILUIÇÃO

Há poucos anos, três ou quatro apenas, que se lê na imprensa da especialidade e nas instruções dos construtores de automóveis, esta palavra, «diluição».

Conhecida a palavra e o seu sentido, ficará este mais completo se lhe acrescentarmos «do óleo».

Vejamos agora como se produz esta diluição do óleo.

Em primeiro lugar, o óleo que reveste as paredes internas do cilindro, está em contacto com a gasolina sob uma forma vesicular, durante o tempo da aspiração e da compressão.

Algumas destas vesículas tocam nas paredes dos cilindros e dissolvem-se no óleo. Os segmentos *râpam* este óleo, que vai cair, parcialmente, no *carter*, arrastando assim a gasolina, que irá macular o óleo em circulação. Fenómeno inevitável, mesmo em motor novo.

Por outro lado, num motor que tenha já funcionado um certo tempo, produzem-se fugas de gás durante a compressão (vapores da gasolina) e durante o tempo motor (gases de escape contendo partículas de gasolina não queimadas). Em ambos os casos, há um encontro de vapores de essência com o óleo mais ou menos pulverizado pelo trabalho contínuo da cambota, biela, etc. Dá-se, pois, a solução das duas partes constituintes, e a condensação quando o motor esfriar.

Consideremos ainda que estas duas causas

se agravam consideravelmente quando a mistura é demasiado rica e quando se recorre a um excesso de gasolina nos arranques com o motor frio.

Vistas as causas, vejamos agora as consequências.

A mais grave consiste em que a presença da gasolina no óleo, baixa fortemente a sua qualidade principal, a *viscosidade*.

Segundo as análises de laboratório, bastam 3 % de gasolina no óleo, para que a viscosidade dêste baixe 25 % e 8 % de gasolina leva o óleo a perder metade da sua viscosidade.

Os técnicos americanos designam este fenómeno por *Crank case dilution* (diluição no *carter* do motor), marcando assim o lugar onde ela se dá.

Para obviar aos inconvenientes da diluição, ou, mais propriamente, para a evitar, têm-se estudado processos vários. É evidente que um fabrico perfeito dos cilindros, dos *pistons* e dos segmentos, diminuirá a diluição e que um carburador bem afinado e um bom aquecimento da tubagem da admissão evitarão as condensações. Mas, consegue-se assim diminuir o grau de diluição sem, contudo, a eliminar completamente.

É com este fim que, em certos automóveis de boa construção, se adopta um aparelho de ventilação interior, aproveitando a deslocação do ar durante a marcha. Cria-se assim uma depressão que assegura uma corrente de ar na superfície do óleo, arrastando os vapores da gasolina, mais voláteis que os do óleo.

Para diminuir os inconvenientes da diluição, aconselha-se o emprêgo de óleos de 1.^a qualidade, a sua renovação após as quilo-

metragens indicadas pelos construtores dos automóveis e a quantidade de óleo bem fiscalizada, para que o *carter* contenha sempre o seu máximo.

A renovação do óleo é indispensável, por mais que o caso pese às pessoas económicas que chamam a esta operação «estragar óleos».

É que não é só a diluição que corrói o óleo lubrificante. Outras impurezas, tais como, o pó da estrada, grãos de areia da fundição, e as partículas metálicas provindas do desgaste de certos órgãos, segmentos principalmente, tornam o óleo impróprio a uma boa e cuidada lubrificação.

É de da boa e cuidada lubrificação que depende a vida dum motor.

AS NOSSAS GRAVURAS

Embora de aparência menos estranha que o já célebre bólido de Malcolm Campbell, o grande *recordman* da velocidade, não deixa de inspirar respeito o potentíssimo carro de Wizard Smith, com que este vai tentar bater o actual *record*.

Lembrando-nos de que Campbell conserva o seu *Blue Bird* em boa forma e que promete atacar de novo a pista e tentar a sorte para defender o seu triunfo, poderemos fazer uma ideia da luta formidável que se estabelecerá, caso o australiano W. Smith consiga o seu almejado fim.

Nos grandes centros, tais como Berlim, Londres, etc., está sendo posto em prática uma nova forma de prestar serviços e ganhar clientela.

A porta de certas *garages*, estações de serviço, etc., onde a circulação de veículos o permita, existe o «passoio de segurança», que nada mais é que a verificação do alinhamento das rodas, eficácia de travões, etc.

Esta verificação faz-se rapidamente e o pessoal que nela actua é hábil e expedito. Depois... nada.

Nada custa a verificação, nem mesmo uma pequena gorgeta, pois esta é expressamente proibida.

O que custa, sim, é a afinação ou ajuste, o arranjo, enfim, do que se verifique estar desarranjado.

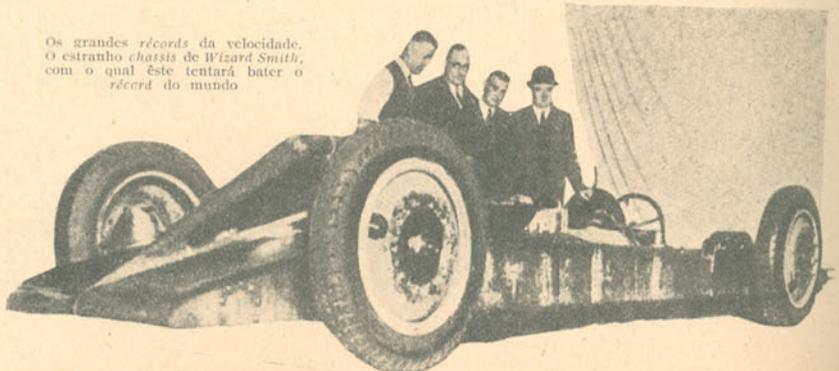
É claro que o proprietário do carro «verificado» não irá levar o concôrto a outro lado, tendo ali à mão quem lhe diagnostica a doença e quem dela trate.

A célebre Targa Flório acaba de ser levada a efeito pela vigésima segunda vez.

Esta importante corrida, de fama mundial, é feita num percurso acidentado que põe à prova não só a excelência do material, como a perícia dos condutores.

A gravura que publicamos apresenta-nos Nuvolari, o vencedor, atravessando velozmente uma aldeia da Sicília. R. LACERDA.

Os grandes *records* da velocidade. O estranho *chassis* de Wizard Smith, com o qual este tentará bater o *record* do mundo



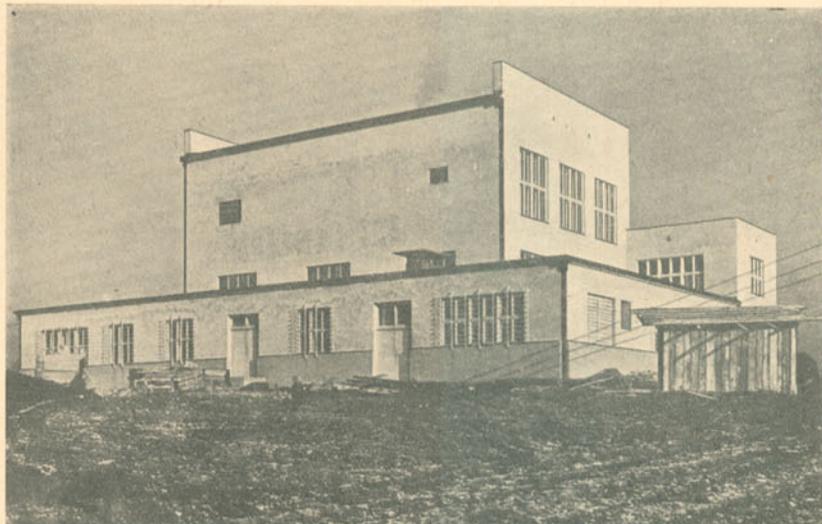


RADIO CITY

Vai-se erigir no coração de New York um gigantesco edifício, cuja *maquette* apresentamos na nossa gravura. Esta grande obra ocupará o espaço de três grandes praças de New York e custará 250 milhões de dollars, ou sejam cinco milhões de contos na nossa moeda. Será qualquer coisa de fantástico.

Este enorme edifício deverá ser concluído em 1934 e agrupará as grandes empresas da Radio National Broadcasting Company, Radio Corporation of America, Radio-Keith-Orpheum, R C A-Victor Company, R C A Photophone, incluindo um novo Metropolitan Opera House, dois grandes estúdios de cinema, teatros de *vaudeville* e uma estação de televisão.

É do conhecido financeiro John D. Rocke-



A mais potente estação de Rádio-difusão da Europa, em construção, na Tchecoslováquia, Librice, próximo de Cesky Brod, que terá 120 kw. antena, funcionando em 487 metros, deverá ser ouvida em todo o Continente europeu, e cuja construção deve terminar este ano

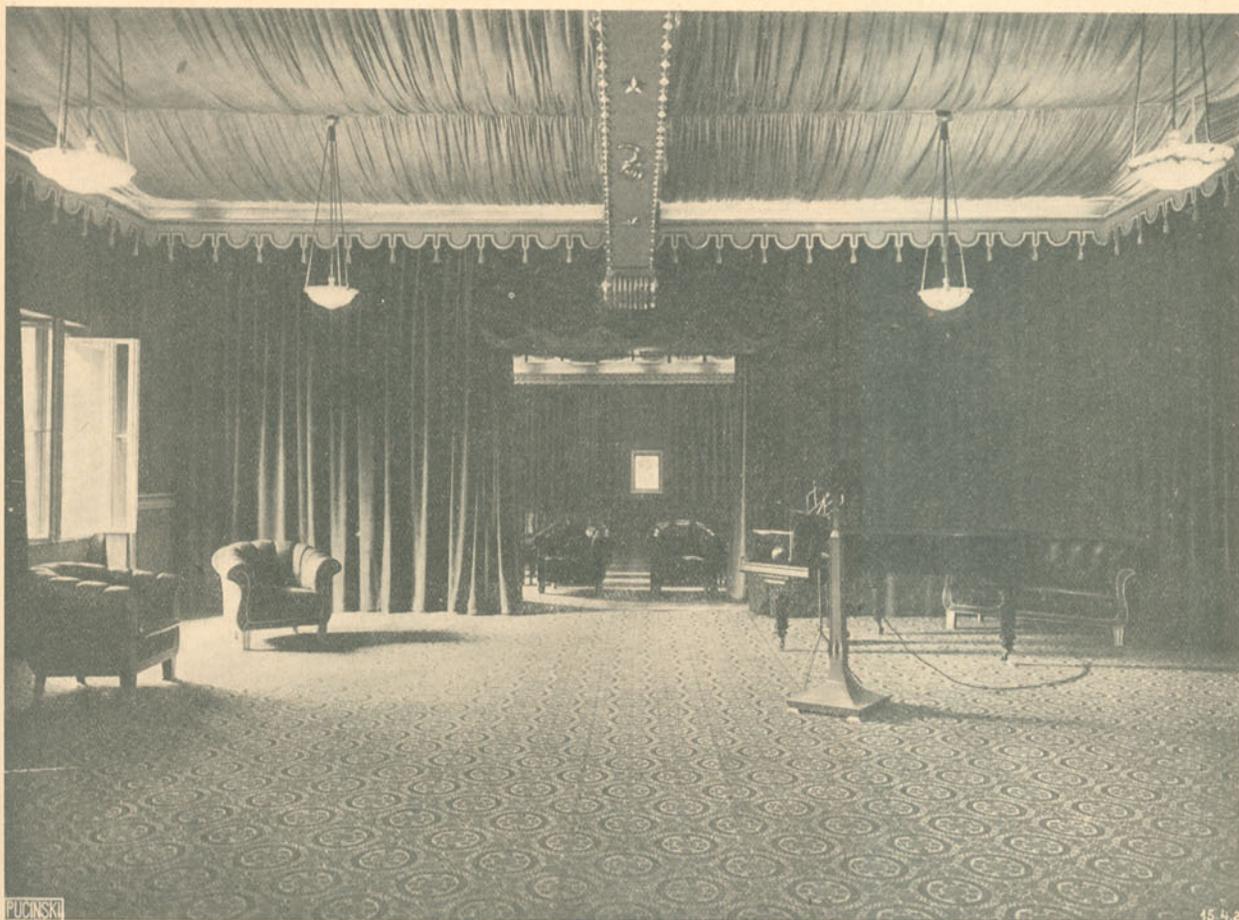
feller, Jr., a iniciativa desta obra e é ele o principal capitalista.

Os dois teatros terão capacidade para 4.000 e 6.000 pessoas.

Os projectos são dos conhecidos architectos norte-americanos Robertson e Todd.

O bloco central ficará entre as ruas 49 e 50 e a sua estrutura ficará sendo a maior do mundo.

Serão reservados doze andares só para instalações da N. B. C., a qual conterà trinta estúdios.



PUCINSKI

45.4.2

O grande locutório da estação emissora de Poznan (Polónia)



Uma representação da comédia «Novembers», de Hans Ehrke, no locutório de Hamburgo

laboratório de física experimental e de um oscilógrafo catódico.

O professor Langevin instalou no anfiteatro do Colégio o velho electro-iman, com o qual Ampère fez, há mais de um século, as célebres experiências que o conduziram às leis da electro-dinâmica.

O velho electro-iman compõe-se de duas bobinas de 25 cm., dispostas sobre um eixo de ferro, o qual se magnetisa quando elas são percorridas por uma corrente eléctrica.

O electro-iman de hoje é de uma potência considerável.

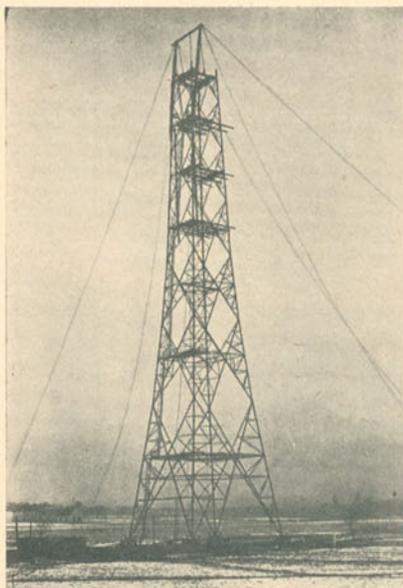
A corrente de excitação sendo muito forte para os condutores, os enrolamentos das bobinas são de tubos de cobre, nos quais circula uma corrente de água fria. Os campos magnéticos potentes que se obtêm entre o polos

O primeiro edificio conterá um Banco, lojas de venda, restaurante, etc.

O colégio da igreja de S. Nicolau ocupará

O empresário Rothafel, do Roxy Theatre, será o futuro director da Radio City.

O representante da Columbia Broadcasting System declarou que não fará parte da Radio City porque os seus dois actuais edificios, na Madison Avenue, com sete estúdios, são suficientes para as necessidades da Companhia, que erigirá, em breve, uma emissora de televisão.



A torre porta-antena da estação de rádio-difusão de Librice, perto de Cesky Brod, Tchecoslováquia, que terá 160 metros de altura depois de construída

parte de um dos edificios, entre as ruas 48 e 49.

Estes edificios ocuparão 2 milhões de pés quadrados de área.

Todos os teatros ficarão ligados à estação emissora de televisão.

Mr. Aylesworth prevê que, em 1934, quando se concluírem estes formidáveis edificio, será possível emitir a voz e a música ao mesmo tempo que se fará a televisão das obras representadas nos seus teatros.

A estrutura central estará concluída em 1932 e imediatamente ocupada por várias firmas.

No subterrâneo será construída uma *garage* de recolla.



No mesmo quadro de comando do seu carro a automobilista regula o posto de T. S. F. Hetnafone

servirão para estudo da acção do magnetismo sobre a luz, sobretudo para o estudo do átomo na molécula viva.

PELO MUNDO

“SEMFILISTA”

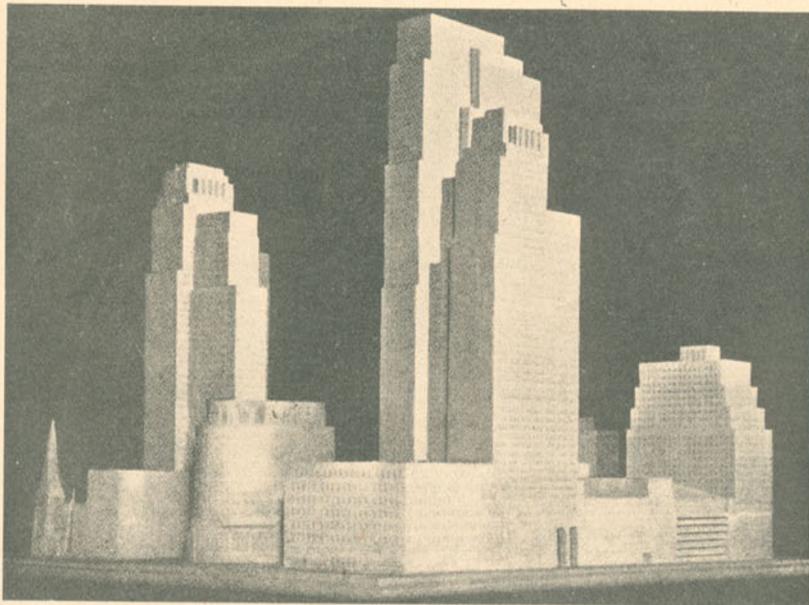
O Instituto Singer-Polignac acaba de oferecer ao Colégio da França dois grandes instrumentos de física que permitirão uma investigação mais profunda dos fenómenos inacessíveis aos nossos sentidos.

Trata-se de um electro-iman destinado ao

A Alemanha protestou, recentemente, pela via diplomática, contra as difusões de propaganda bolchevista feitas em alemão pela estação de Moscou. O Governo da U. R. S. S. respondeu que estas emissões não são desti-



Uma curiosa transmissão de Norag (Hamburgo): As emoções de um coração controlados por um especialista famoso



Vista completa do modelo da Rádio City, em New-York, de que este mês será lançada a primeira pedra

nadas à Alemanha, mas às centenas de milhar de cidadãos russos da língua alemã residentes nas repúblicas alemãs do Volga.

A Alemanha, para contrariar e neutralizar a propaganda bolchevista, vai fazer emissões nesse sentido.

O receptor de T. S. F. acaba de ser oficialmente considerado pelo Governo dinamarquês como objecto de primeira necessidade, que não pode ser apreendido ou arrestado.

Na Alemanha diversos tribunais declararam que os posto receptor de T. S. F. constitui um utensílio de *ménage*, e, por consequência não pode ser arrolado.

O rendimento de publicidade de duas Companhias norte-americanas de rádio-difusão no primeiro trimestre deste ano foi de 8.363.635 dollars.

ÁLVARO CONTREIRAS.

LEONARDO COIMBRA Lusa Atenas

(Conclusão da página 21)

(Conclusão da página 20)

tasmas em casarões de sombra, uma preciosa de penitentes, arrastando grillhões sobre a ponte de um rio, que é, em baixo, um discurso de segundos escoando-se no abismo da Morte. Toda a sua obra são almas a sós olhando o Infinito!

Este diálogo rola, agora, para além-fronteiras a propósito da formidável cultura que a Espanha está realizando através da difusão e edição profusas, amplas, dos melhores e diversos autores estrangeiros em livros ao alcance da bolsa de todas as classes. Porém, sobre Espanha tenho de fazer, antes de mais nada, esta pergunta ao dr. Leonardo Coimbra, que é, hoje, o nosso pensador que está em melhores relações com a actualidade das grandes figuras espanholas:

—Qual é o aspecto com que merece ser olhado esse filósofo genial que é Miguel Unamuno?

—Penso que Unamuno é, do lado de lá dos incidentes da sua vida pessoal, uma alma profunda e inquieta, quixotesca mesmo, no nobre sentido que ele mesmo deu a esta palavra. Classifico como o melhor da sua obra tudo que diz respeito à metafísica, perante a tragédia da vida. Cito-lhe, como exemplo, *O sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. Acho notável, brilhante a sua interpretação agonística do cristianismo, embora me pareça, mais clara do que, porventura, a dele, a infinita aurora a vislumbra para além dessa agonia.

—A Espanha nova, moderna, conta mais com Ortega y Gasset, autor de *La deshumanización del arte*.

—Mas a *Deshumanización del arte* é, sem dúvida, um estudo interessante duma das tendências da arte moderna, que, quanto a mim, é uma tendência de precipitoso nihilismo. A vida moderna polariza-se entre uma

vertiginosa exteriorização em máquina e uma reversão, e não regressão, para a intimidade espiritual do Ser. A deshumanização representa uma correria para o polo, quanto a mim negativo, da exteriorização. A arte que se polarize, quanto a mim *positivamente*, terá sempre como origem a apreensão no homem, da ansiedade alada para o Espírito. O próprio Ortega y Gasset vislumbra esta polarização positiva quando percebe o *provincianismo* da novela. E deve compreender-se por *provincianismo* o ar repousado do campo, trabalho rítmico ao ar livre, doce e perfeita amizade do homem com a natureza ainda não fragmentada no caos dos elementos pelas grandes velocidades e opressões da indústria. Por conseguinte, essa mesma arte carece de recolher o homem no lar, a natureza numa harmonia de formas amigas, a alma numa interiorização que, em vez de a perder nos calafriantes espaços siderais, a recolha à poses de si mesma, no coração de Deus! — E o dr. Leonardo Coimbra, pegando nos seus livros, dirige-se para a porta, anunciando um ponto final nas suas declarações. — Adeus. Vou-me até Matozinhos.

Deixo, exibo, sem comentários, as opiniões, as declarações que pude colher naquele fim de tarde do grande filósofo. Pode-se não concordar com Leonardo Coimbra, mas o que não se pode deixar de sentir é o seu poder de convicção dado através dum discernimento profundo e apresentado através duma filosofia entumescida de beleza humana. E para mim, é esse o motivo da admiração rubra que tenho pela sua obra.

GUEDES DE AMORIM.

a alta sociedade e usa nomes aristocráticos. Só eu fiquei aqui adormecido ao pé duma quimera. Tudo mudou. Só eu fiquei aqui procurando com saúde, em todas as mulheres gordas, a magrinha Maria da Graça que perdi.

Soluçava. E eu, numa consolação, como-vido, perguntei-lhe:

—Se ela emagrecesse?!

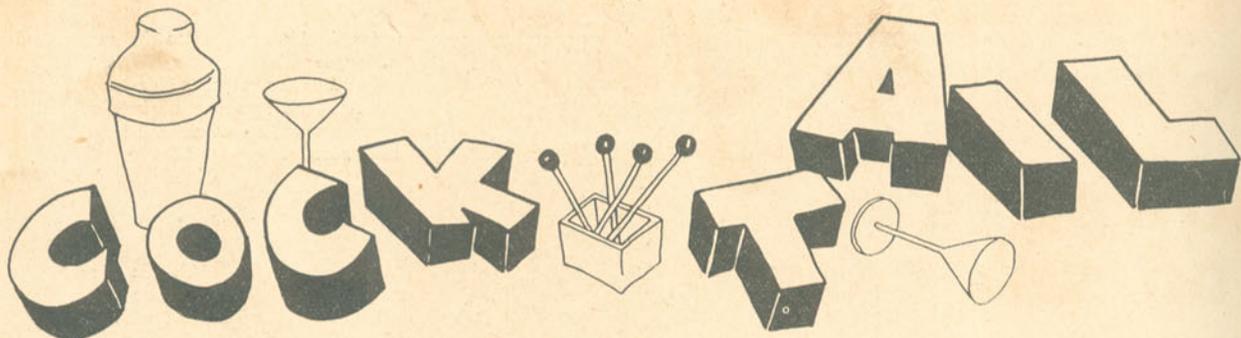
—Impossível! Estava escrito no meu destino que o meu infortúnio seria eterno. Sobre a minha desgraça pezam quilos. Tudo mudou. Em todas as transformações, só a Maria da Graça engorda e engorda cada vez mais. Sinto, na minha desgraça, aumentar-se o peso. Não poderei com mais duma tonelada. Com certeza, neste dia, morro! Mais vinho...

—Estás a entrar comigo?

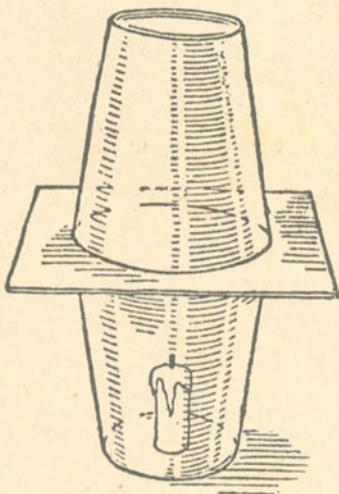
—Não, meu amigo. Palavra de honra que não. Conte-te a minha dor, porque és o único capaz de a compreender. Bebo porque sou um desgraçado. Toda a minha vida, bebendo por Baco, tem sido um desafio à Minerva. Sim, meu amigo. Quando na vida se abre o vácuo, não te esqueças, quando na vida se abre o *vacuo*, enchemo-lo, perturbados, com a literatura ou com o vinho. Então, o livro é tão precioso como o copo. Um livro é sempre a imagem dum espírito; e eu não gosto de debruçar-me sobre os espíritos que desconheço. Não sou pela Minerva. O vinho, ao contrário, consolando, debruça-nos sobre o nosso próprio espírito: *¿Quem não gosta de lhe contemplar as paisagens? Eu gosto. Mais vinho. Eu gosto de lhe contemplar as paisagens. Mais vinho. Eu gosto de contemplar só as paisagens do meu espírito. Mais vinho.*

—Desculpa-me. É muito tarde.

—Boas noites. Admira sempre na tua vida os grandes literatos e os grandes borrachos...



UMA EXPERIÊNCIA DE VÁCUO



Com dois copos, um côto de vela e um pedaço de mata-borrão pode realizar-se uma experiência curiosa. Os copos hão de ser do mesmo tamanho e de cristal fino.

Acende-se o côto de vela e põe-se êste no fundo de um dos copos. O mata-borrão, bem humedecido, coloca-se em cima do copo e sôbre êle põe-se o outro copo, invertido, carregando para que se unam bem as bordas de um e de outro copo.

O côto de vela apaga-se logo que se consome o oxigênio. O ar aquecido dilata-se e parte dêle sai através do mata-borrão, porém o resto, ao esfriar contrae-se e os dois copos ficam tão perfeitamente unidos que se pode agarrar o de cima sem o de baixo cair.

O Sousa: — Sabes, de todo me esqueci da carteira em casa. Fazias favor, emprestavas-me aí um escudo para o electrico?

O Siloa: — Tenho imensa pena, meu caro, mas não trago comigo troco nenhum. O dinheiro mais miúdo que tenho é uma nota de cinco escudos.

O Sousa: — Esplêndido, meu caro. Empréstima, que tomo um «taxi».

Dois amigos iam sentados num electrico. Um dêles, reparando que o outro tinha os olhos fechados, perguntou-lhe:

— Ó Manuel, não estás bem?

— Estou — respondeu o Manuel. Mas é que me custa vêr senhoras irem de pé no carro.

POR ATACADO

— Pois é verdade, eu costumava matar tigres em África — disse o grande caçador de feras.

— Mas em África não ha tigres — objectou o amigo que o ouvia, descrente.

— Pois com certeza que não —olveu o caçador — eu matei-os todos!

A.: — Então o médico diagnosticou o teu caso. E demorou muito, a consulta?

B.: — Não; eu levei o meu fato mais velho.

O mariao: — Deves estar satisfeita, tens-te divertido bastante ultimamente. Foste ao teatro, a um baile, a dois chás, a um concerto . . .

A mulher: — Pois sim, mas tu vieste sempre comigo!

O avô: — Tenho pena de não poder fazer nada em favor do nosso exército na guerra.

A neta: — Olhe, avôzinho, aprenda a fazer meias para os soldados.

Ela: — O senhor só pensa no meu dote.

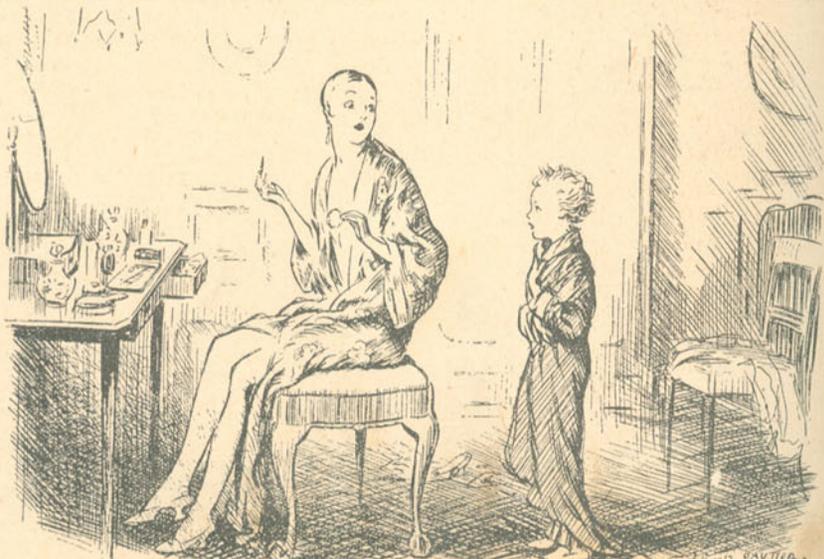
Ele: — É uma injustiça que me faz, minha boa amiga, supôr isso. Creia que, se em vez de cem contos tivesse só metade, eu casaria consigo da mesma maneira!

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9
10						11		
12							13	
14							15	
16					17		18	
19					20			21
						22		
23	24						26	
27		28					29	30
31						32	33	
34						35		

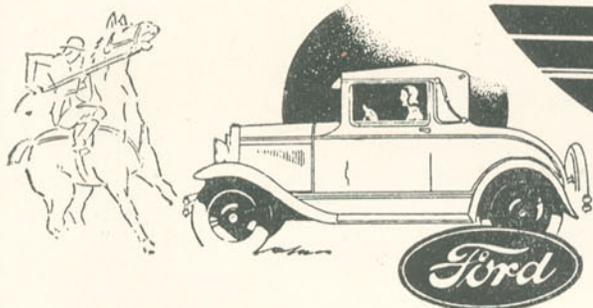
Horizontais: 1, Digno de adoração. 2, Tempo de verbo. 10, Carinhosa. 11, Advérbio. 12, Ave grande. 13, Forma antiga do artigo. 14, Cargo de freira. 15, Nome de mulher. 16, Interjeição. 17, Que se repete de 8 em 8 dias. 19, Nota. 20, Acusada. 22, Fortificar. 23, Artigo no plural. 25, Faz estrondo. 26, Andar. 27, Macaco pequeno. 29, Astro. 31, Orla de pano. 32, Petisco. 34, Lago no mar. 35, Derrêa.

Verticais: 1, Cheio de amabilidade. 2, Sublime. 3, Ultima letra do alfabeto grêgo. 4, Flôr. 5, Palmeira de frutos comestíveis. 6, Tem varizes. 7, Lírio. 8, Paraíso. 9, Pêra portuguesa. 15, Que analisa. 18, Tempo de verbo. 20, Contemporâneo. 21, Monge mahometano. 23, Reptil. 24, Ir para fóra. 28, Grande. 30, Astro. 32, Medida antiga de comprimento. 33, Pronome latino.



— Então, boa noite, mãezinha. Estimo que se divirta no baile. Não lhe posso dar um beijo porque acabei agora mesmo de tomar o meu banho. (Do Punch).

PLENA CONFIANÇA NA OBEDIENCIA DO SEU CARRO



PERTO DE V. HÁ UM AGENTE «FORD»
À SUA DISPOSIÇÃO

As condições excepcionais de segurança do carro *Ford*, procedem dum conjunto de características que, rara vez, se encontram reunidas num mesmo carro :

6 travões que, a 50 à hora, param o carro em dois segundos (1.454 centímetros quadrados de superfície de travagem).

O pára-brisas, de cristal inestilhável.

A direcção irreversível.

A perfeição dos seus órgãos de mando.

A *carrosserie* íntegramente de aço, soldada electricamente.

As rodas, de aço duma só peça.

A sua aceleração rapidíssima.

A sua extraordinária aderência ao caminho.

A perfeita sustentação que lhe oferecem as boas proporções do seu desenho.

Produção Ford em Abril :
20.000.000

Ford Motor Iberica
BARCELONA

Pense nas razões desta supremacia

LINCOLN  FORDSON

MONOPLANO TRIMOTOR

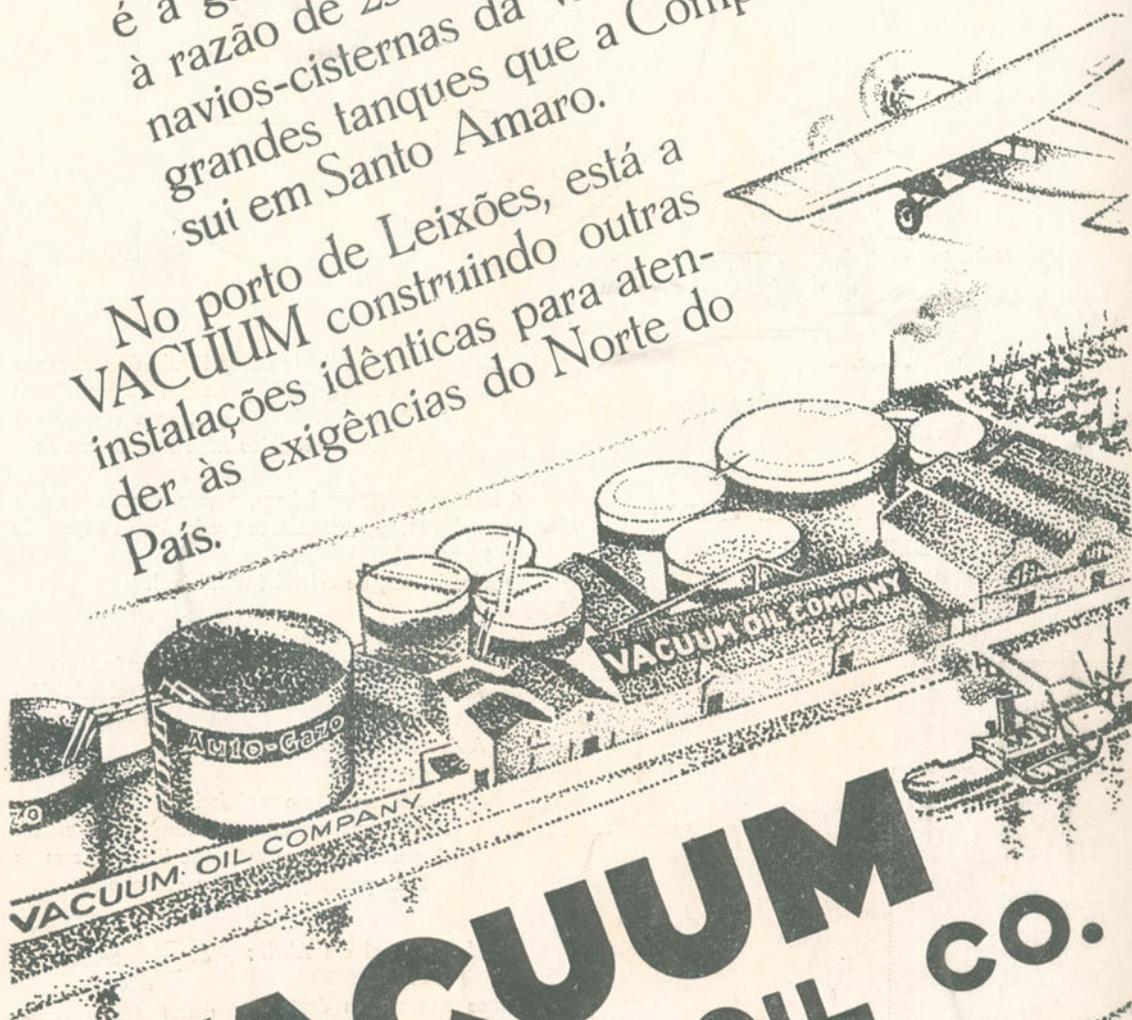
Roadster	Escudos	20.500\$
Faeton	»	21.100\$
Sedan, duas portas	»	22.200\$
Cabriolet	»	24.800\$

Preços FOB Lisboa, sendo à parte os gastos de transporte de Lisboa ao ponto final do destino

Da refinaria ao SEU automóvel

Assim que chega ao porto de Lisboa,
é a gasolina Auto-Gazo trasfegada —
à razão de 250.000 litros por hora — dos
navios-cisternas da VACUUM para os
grandes tanques que a Companhia pos-
sui em Santo Amaro.

No porto de Leixões, está a
VACUUM construindo outras
instalações idênticas para aten-
der às exigências do Norte do
País.



VACUUM OIL CO.